



**CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA-LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA-FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

GUSTAVO MATOS LIMA

**DESAFIOS DA LEITURA E ESCRITA EM LÍNGUA PORTUGUESA
VIVENCIADOS POR ALUNOS INDÍGENAS NOS ANOS INICIAIS:
Análise da Escola Indígena EMEIF Juliano Kirixi em Jacareacanga
- Pará**

Itaituba/ PA
2021

GUSTAVO MATOS LIMA

**DESAFIOS DA LEITURA E ESCRITA EM LÍNGUA PORTUGUESA
VIVENCIADOS POR ALUNOS INDÍGENAS NOS ANOS INICIAIS:
Análise da Escola Indígena EMEIF Juliano Kirixi em Jacareacanga
- Pará**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Itaituba para obtenção do título de
Licenciado Pleno em Pedagogia.

Orientador (a): prof. Lúcia Maria da Costa Cruz

Itaituba/ PA

2021

LIMA, Gustavo Matos de.

DESAFIOS DA LEITURA E ESCRITA EM LÍNGUA PORTUGUESA VIVENCIADOS POR ALUNOS INDÍGENAS NAS SÉRIES INICIAIS: Análise da Escola Indígena EMEIF Juliano Kirixi em Jacareacanga – Pará

73 Fls.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Itaituba – FAI, Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, Itaituba, BR – PA, 2021.

Orientadora: Prof.^a Lúcia Maria da Costa Cruz, Esp.

1. Escrita. 2. Desafios. 3. Leitura-portuguesa. I. CRUZ, Lúcia Maria da Costa. II. Faculdade de Itaituba. Itaituba, BR – PA 2021.

GUSTAVO MATOS DE LIMA

**DESAFIOS DA LEITURA E ESCRITA EM LÍNGUA PORTUGUESA
VIVENCIADOS POR ALUNOS INDÍGENAS NAS SÉRIES INICIAIS:
Análise da Escola Indígena EMEIF Juliano Kirixi em Jacareacanga
– Pará**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Itaituba para
obtenção do título de Licenciado Pleno em
Pedagogia

Orientador (a): prof. Lúcia Maria da Costa
Cruz

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____ Nota: ____
Prof^a. Lucia Maria da Costa Cruz, Esp

Avaliador 1: _____ Nota: ____
Prof^a. Margaret Ferreira de Aguiar, Esp.

Avaliador 2: _____ Nota: ____
Prof^a. Edilane da Silva Melo, Esp.

Resultado: _____ Média: _____

Data: 21 de Julho de 2021

Dedico essa conquista como gratidão ao SENHOR Deus em primeiro lugar. Depois, a toda minha família, em especial ao meu avô Ernesto, o qual chamo de pai, à minha mãe Rocilda, à minha avó Francisca que já dormiu e ao meu irmão Vinícius, pela força que me deram, pelo incentivo nos momentos difíceis, pelo apoio financeiro com que me ajudaram a chegar nessa conquista.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, que apesar de todas as minhas prevaricações perante Ele ainda assim tem me amparado, e pela sua piedade me permitiu chegar até aqui;

À minha família, Ernesto (avô) o qual chamo de pai, e Rocilda minha mãe, pelo incentivo, apoio e paciência com que tiveram comigo durante minha trajetória de estudo, a saber, desde o Ensino Médio. Ao meu irmão Vinícius pelo apoio que me ofereceu;

À minha orientadora Lúcia Maria da Costa Cruz, pela paciência, carinho e instrução em um dos momentos mais difíceis da minha vida até então;

Aos amigos, Toinho, tia Teir, Alzirene e Dayane, pela ótima recepção e estadia em suas residências quando em Itaituba. Obrigado a todos;

Aos amigos companheiros Arivaldo Poxo, Nelson Ikupi, Ludênico Akay e Leônidas por estarmos juntos na caminhada;

Ao curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Faculdade de Itaituba (FAI), pela formação, e à Instituição (FAI) por oferecer salas para dormitórios sem cobrar nada, o que ajudou a quem tem pouca condição financeira;

À Direção da escola indígena EMEIF Juliano Kirixi, por ter liberado o espaço escolar para a minha pesquisa sobre a educação.

“Sem condições materiais objetivas para nossos professores e sem possibilidades concretas de que se tornem intelectuais, críticos de seu tempo, da sociedade em que vivem e dos contextos específicos em que atuam como leitores do mundo e de textos, não me parece ser possível superar as marcas do analfabetismo ”.

(Kramer)

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo investigar os desafios da leitura e escrita em língua portuguesa vivenciados por alunos indígenas nas séries iniciais, para entender-se qual a real causa desses problemas. A pesquisa foi realizada na escola indígena EMEIF Juliano Kirixi, localizada no outro lado da cidade de Jacareacanga, em Outubro no dia 25 do ano de 2020. No procedimento metodológico utilizou-se o estudo bibliográfico de autores que falam a respeito da leitura e escrita, e para obtenção de dados, foi utilizado questionários com oito perguntas, os quais foram distribuídos para quatro professores, determinando-se assim uma pesquisa de campo qualitativa. O propósito deste trabalho foi compreender as causas específicas do fracasso escolar da maioria dos alunos indígenas, a respeito da leitura e escrita em língua portuguesa. As questões norteadoras que direcionaram este trabalho foram: Os alunos são estimulados a praticarem a leitura do idioma português? Existe Técnico Educacional e formação continuada para esses profissionais da educação obter direcionamento e auxílio em seu trabalho pedagógico? Qual importância é dada ao domínio da escrita e leitura da disciplina de português para os indígenas? Os objetivos almejados consistiram em: Descrever a importância da leitura e escrita do português para os alunos indígenas como um meio de comunicação. Identificar a causa do fracasso de alguns alunos que não conseguiram ler e escrever o português nas séries iniciais. Verificar a realidade dos professores indígenas com relação aos desafios para alfabetizar os alunos em Língua Portuguesa. Para chegar-se aos resultados foram necessários a coleta e a análise das respostas dos investigados, as propostas contribuintes e a conclusão. Nas respostas dos professores citadas nos questionários, observou-se resultados significativos, os quais podem explicar o porquê da dificuldade dos alunos, na aquisição da leitura e escrita em língua portuguesa. Notou-se da parte dos professores indígenas, por meio das respostas do questionário, uma ausência de conhecimentos padrões, no que se refere a forma como escrevem, fugindo gravemente das regras gramaticais.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Escrita. Desafios. Língua Portuguesa.

ABSTRACT

The following study aimed to investigate "the challenges of reading and writing in Portuguese experienced by indigenous students in the early grades", in order to understand the real cause of these problems. The research was carried out at the EMEIF Juliano Kirixi indigenous school, located on the other side of the city of Jacareacanga, in October on the 25th of 2020. In the methodological procedure, the bibliographic study of authors who talk about reading and writing was used, and to obtain data, questionnaires with eight questions were used, which were distributed to four teachers, thus determining a qualitative research. The purpose of this work was to understand the specific causes of school failure of most indigenous students, regarding reading and writing in Portuguese. The guiding questions that guided this work were: Are students encouraged to practice reading the Portuguese language? Is there an Educational Technician and continuing education for these education professionals to obtain guidance and assistance in their pedagogical work? What importance is given to the mastery of writing and reading the Portuguese subject for indigenous people? The desired objectives consisted of: Describing the importance of reading and writing Portuguese for indigenous students as a means of communication. Identify the cause of failure of some students who were unable to read and write Portuguese in the early grades. Check the reality of indigenous teachers in relation to the challenges of teaching students to read and write in Portuguese. To arrive at the results, it was necessary to collect and analyze the respondents' answers, the contributing proposals and the conclusion. In the teachers' answers cited in the questionnaires, significant results were observed, which may explain why the students have difficulty in acquiring reading and writing in Portuguese. It was noted on the part of the indigenous teachers, through the answers to the questionnaire, an absence of standard knowledge, with regard to the way they write, seriously evading the grammatical rules.

KEYWORDS: Reading. Writing. Challenges. Portuguese language.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01	Quais são os desafios do professor em relação à escrita e leitura da língua portuguesa de alunos indígenas nos anos iniciais	51
QUADRO 02	A escola indígena proporciona materiais ou recursos didáticos pedagógicos para o ensino da leitura e escrita? Comente.....	53
QUADRO 03	Quais metodologias são utilizadas pelos docentes para as aulas de leitura e escrita na escola indígena?.....	54
QUADRO 04	Os alunos são estimulados a praticarem a leitura do idioma português? Fale sobre.....	56
QUADRO 05	Existe Técnico Educacional e formação continuada para os profissionais indígenas serem direcionados e auxiliados em suas tarefas?	58
QUADRO 06	Qual a importância do domínio da escrita e leitura da disciplina de português para os indígenas	59
QUADRO 07	Você já utilizou estratégias diferenciadas para a aprendizagem dos alunos? Justifique sua	60
QUADRO 08	Do seu ponto de vista, o que precisa mudar nas práticas pedagógicas dos professores para a aprendizagem dos alunos?	62

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1 ABORDAGEM SOBRE O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA ESCRITA E LEITURA DA LÍNGUA PORTUGUESA.....	15
1.1 CONCEITUAÇÃO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO INDÍGENA.....	15
1.2 ESCOLARIZAÇÃO COMO MEIO ESSENCIAL DE DESENVOLVIMENTO HUMANO	20
1.3 DIREITOS DOS INDÍGENAS NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA	23
1.4 IMPORTÂNCIA DA LEITURA E ESCRITA NA ESCOLA INDÍGENA	26
2 DESAFIOS DA APRENDIZAGEM DA LEITURA PARA OS ALUNOS INDÍGENAS EM LÍNGUA PORTUGUESA.....	31
2.1 A NECESSIDADE DA LEITURA E ESCRITA PARA A ETNIA INDÍGENA	31
2.2 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA.....	35
2.3 O PROFESSOR E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA ESCOLA INDÍGENA	39
2.4 CONTRIBUIÇÕES DOS PAIS PARA A EDUCAÇÃO DA CRIANÇA	43
3 DESAFIOS DA LEITURA E ESCRITA EM LÍNGUA PORTUGUESA VIVENCIADA POR ALUNOS INDÍGENAS NAS SÉRIES INICIAIS: ANÁLISE DA ESCOLA INDÍGENA EMEIF JULIANO KIRIXI EM JACAREACANGA – PARÁ.....	48
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA	48
3.2 PERFIS DOS ENTREVISTADOS	49
3.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	49
3.4 ANÁLISES DOS DADOS COM OS PROFESSORES	50
3.5 PROPOSTAS CONTRIBUINTES	63
CONCLUSÃO	65
REFERÊNCIAS	67
APÊNDICES	71

INTRODUÇÃO

No mundo atual a cada dia surgem novas informações. Surgem por meio de livros, jornais de revista ou pela televisão. Tem-se diversos tipos de dispositivos eletrônicos dos quais o computador e o celular são os mais usados para se adquirir diversas informações, seja no campo social, científico ou tecnológico.

Com isso, pode-se destacar a grande necessidade de comunicar-se com o mundo, onde não há lugar para pessoas desinformadas. O mercado de trabalho tende a selecionar pessoas com competências básicas para executar as devidas tarefas exigidas em uma determinada empresa, portanto precisa-se estar atentos para os conhecimentos, os quais modelam a habilidade do cidadão e o prepara para exercer o seu direito e atender aos requisitos do mercado de trabalho.

Um ambiente indispensável para se formar um cidadão com tais requisitos exigidos pela sociedade como o padrão para contribuir com o desenvolvimento de uma empresa, da família e até mesmo, claro, da sua própria vida, é o ensino escolar. Esta por sua vez, nos anos iniciais irá preparar a alfabetização dos alunos, o que é essencial para que estes possam adquirir o conhecimento da leitura e da escrita, pois com essas habilidades poderá se comunicar com o mundo, lendo, escrevendo e adquirindo conhecimento.

Assim, o presente trabalho propôs investigar os problemas enfrentados por alunos indígenas que estão inseridos na EMEIF Juliano Kirixi. Visto que, a educação de qualidade deve ser oferecida para todas as escolas, preocupa-se com a escola indígena e com os seus professores, pois eles precisam estar aptos para alfabetizar, e preparar seus alunos de maneira satisfatória.

Este estudo pretende identificar os fatores, as causas, que corroboram para as dificuldades dos alunos indígenas, em se desenvolverem no estudo da língua portuguesa, especialmente na leitura e escrita. Procurando assim entender essas situações de modo mais claro para a sua explicação, e se possível, para a sua solução. E para obter-se as informações sobre tais problemas, elaborou-se questionários como se pode observar alguns deles:

Quais metodologias são utilizadas pelos docentes para as aulas de leitura e escrita na escola indígena? Os alunos são estimulados a praticarem a leitura do

idioma português? Fale sobre. Qual a importância do domínio da escrita e leitura da disciplina de português para os indígenas?

Para o respaldo deste trabalho, adotou-se a metodologia da pesquisa bibliográfica, visando um conhecimento mais aprofundado do assunto a ser estudado, juntamente com a utilização de questionários para a pesquisa de campo. Os autores utilizados para a base do assunto a ser abordado foram: Kramer (2010), Libâneo (1994), Ferreira (2019), Granziol (2017), Santos (2017), Petronilo (2007), Souza; Bruno (2017), dentre outros autores. A pesquisa de campo executou-se em novembro de 2020.

A estrutura desta pesquisa se divide em três capítulos. O primeiro aborda o assunto histórico da educação indígena, em como ela se desenvolveu e o que mudou. Investiga ainda questões vantajosas advindas do ensino educacional, como também os direitos garantidos aos povos indígenas no que se refere a educação. Além desses fatos, relaciona a importância da leitura e escrita portuguesa para o povo indígena de todo o país.

O segundo capítulo, expõem necessidades específicas e importantes da leitura e escrita portuguesa para os indígenas. Procura identificar a causa do fracasso escolar indígena, no sentido da leitura e escrita, e como é conduzida a alfabetização desses alunos pelos professores. E por fim estabelece alguns valores sobre a participação dos pais na educação de seus filhos.

Para finalizar, no terceiro capítulo será exibido a caracterização da escola, os perfis dos entrevistados e os procedimentos metodológicos. Juntamente com esses, ainda será apresentada as análises dos dados com os professores, na qual será explanada de forma minuciosamente, para entender-se, conforme os dados, a real causa das dificuldades dos alunos em ler e escrever. Em seguida, virão as propostas contribuintes, e nelas são fornecidos alguns métodos pedagógicos, com intuito de solucionar os problemas encontrados na pesquisa.

1. ABORDAGEM SOBRE O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA ESCRITA E LEITURA DA LÍNGUA PORTUGUESA

1.1 CONCEITUAÇÃO DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO INDÍGENA

A educação indígena tem uma longa história, a qual passou por diversas transformações. Na época do descobrimento do Brasil, em 1500, descoberto por Pedro Álvares Cabral, os povos indígenas começam a se deparar com culturas diferentes. A partir desse momento, os indígenas percebem um modo de viver diferente, o qual mais tarde lhes será imposto como o padrão de vida decente, forçando-os a esquecer a sua própria cultura.

No início desses acontecimentos, um dos aprendizados percebidos e adquiridos pelos povos indígenas em primeira instância foi conhecer a língua dos portugueses. Para isso, o governo de Portugal conta com a ajuda dos Jesuítas ou Companhia de Jesus, para catequizar esses indígenas, que eram tidos como selvagens, e de outra forma, estudá-los para compreenderem as suas línguas e lhes transmitirem o conhecimento do português, para depois através desta fazerem conhecer a religião e cultura europeia.

No entanto, como se sabe os portugueses tinham o interesse de utilizar os povos indígenas como mão-de-obra, para a derrubada de pau-brasil e o seu transporte até aos navios, pois ninguém conhecia melhor a floresta selvagem senão estes. Contudo, os padres Jesuítas sempre, conforme reza a história, os defendia das mãos dos portugueses para os não escravizar.

De acordo com Bergamaschi; Medeiros (2010) havia um modelo de educação escolar desenvolvido por ordens religiosas, em especial a Companhia de Jesus, que remonta ao período colonial e se estendeu até o século XX, cujo intuito foi a cristianização do gentio. Mas, para converter, primeiro civilizar; mais proveitosa que a precária conversão dos adultos, a educação das crianças longe do ambiente nativo; [...].

Desta forma pode-se perceber que o propósito dos Jesuítas era a de tornar o índio um ser "digno de respeito", assim como os demais cristãos. Para isso era necessário que estes povos fossem ensinados a falar e entender a nova língua que era no caso, a língua dos portugueses. A partir desse processo, os povos poderiam aos poucos aderir e adotar a cultura portuguesa como única.

Os portugueses ao avistarem os povos indígenas, logo perceberam que estes eram desprovidos de um modo de vida decente, no que se refere às suas religiões e a forma como se vestiam que eram incomuns para o povo europeu. Por esse motivo, a educação inicial para os indígenas era o de tornar-lhes pessoas dignas de serem aceitas na sociedade europeia, seguindo a cultura imposta pelos Jesuítas como a correta. No entanto, sabe-se que para se colonizar uma terra estranha de maneira amistosa, era preciso civilizar estes povos, e isso era a intenção dos não-índios que tinham interesse nas riquezas.

Apesar de os portugueses terem adquirido um interesse econômico e financeiro sobre as terras brasileiras, pode-se perceber que a educação dos nativos só se iniciou por causa dessas ambições. Os desbravadores tanto espanhóis como portugueses ou mesmo os italianos, que foram os primeiros a descobrirem a América, trouxeram essas consequências que é a questão do ensino e aprendizado de suas línguas pelos nativos. Havia a necessidade de se comunicar com os nativos, e os Jesuítas tinham uma missão religiosa que facilitou isso.

Segundo Medeiros (2018) apud Ferreira (2001), a história da educação escolar indígena no Brasil pode ser dividida em quatro fases: a primeira situada no período colonial, em que a educação esteve à cargo dos missionários católicos; a segunda iniciou com a criação do SPI em 1910 e se estendeu à política de ensino da FUNAI articulada ao Summer Institute of Linguistics e a outras missões religiosas; a terceira foi durante a ditadura civil-militar e esteve marcada pela atuação de ONGs indigenistas e do movimento indígena; a quarta foi a atual, iniciada no final dos anos 80, da iniciativa dos próprios indígenas em gerir seus processos de educação formal.

Desta forma pode-se perceber que os povos indígenas sofreram grandes desconfortos, mediante ao modo como os não-índios impuseram o seu ponto de vista a respeito da educação totalmente contrária aos conhecimentos dos indígenas, que por sua vez eram obrigados a abandonar a sua forma de educar as suas crianças, no sentido de como elas deveriam se portar e se desenvolver no meio social de seu povo, incluindo também a desvalorização de sua língua materna.

De fato, sabe-se que os povos indígenas, até aos dias atuais, tendem a repassar os conhecimentos que adquiriram ao longo de suas vidas para seus filhos, de maneira que seus filhos vão crescendo e pondo em prática, na medida que vão se desenvolvendo e ficando jovens, também são preparados de forma gradual para

sobreviverem, garantindo o sucesso de sua família tanto na área da cosmologia, medicina, da pesca, e da caça. Esses saberes são passados de gerações a gerações.

Esses modos de transmitir conhecimentos entre os indígenas de certa forma não eram valorizados. Para os europeus seus conhecimentos não tinham nenhum significado naquele momento. E isso era a única coisa que faltava mudar no modo de educar os nativos, o conhecimento é importante para os seres humanos como se sabe hoje, e o conhecimento de outras línguas e até mesmo de sua própria língua é algo especial para os nativos, mas a sua tradição e costume deve ser respeitado.

Conforme Bergamaschi; Medeiros, (2010), nas sociedades indígenas, o saber é acessível a todos, dividido a partir de graus de iniciação que o eleva, e não a partir de uma setorização de conhecimentos que o fragmenta, como ocorre na organização e na transmissão dos conhecimentos escolares do modelo ocidental.

Nesse sentido, a educação e o saber deve ser aquela que se constrói em conjunto, ou seja, que venha ser construída por todos os participantes de forma integrada, e não separada de outros conhecimentos. Não se deve valorizar alguns conhecimentos e desprezar outros, pondo-os separados e descartados, pois todo conhecimento faz parte da educação.

Como fala-se da cultura indígena, entende-se que houve um contraste em comparação desta com a cultura ocidental. Os portugueses achavam que esses povos eram desinformados acerca da verdadeira religião, no caso o cristianismo, e precisavam ser libertos das suas idolatrias. Os jesuítas implementaram um ensino religioso, no qual pregavam uma fé para a salvação da alma e libertação dos pecados como no caso da poligamia, a qual deveria ser substituída pela monogamia aproximando-os do estilo europeu.

Hoje pode-se perceber que esses contrastes entre nativos e europeus não pode subsistir mais, pois o mundo alcançou novos conhecimentos, Leis e direitos que são garantidos a todas as pessoas. E todos os conhecimentos são de grande importância, porque podem gerar novas opiniões e novos estudos. Assim os povos indígenas podem também contribuir com seus conhecimentos, e também aprender com o ensino do português.

Vale ressaltar por um momento, que esses povos cujas terras foram conquistadas pelos portugueses, foram alvos não só de um ensino religioso diferenciado, mas também considerados estranhos nas suas próprias terras, uma

vez que os portugueses impuseram a necessidade de civilizar estes povos para serem inseridos na sociedade portuguesa e participarem dos direitos estabelecidos por estes desbravadores, que na verdade invadiram não só as terras, mas também a privacidade desses povos.

Para Cohn, (2005), a educação escolar indígena tem uma longa história, tão longa quanto é o contato entre índios e europeus. Desde sempre, a alfabetização e a educação escolar tiveram um papel importante nessas relações. Jesuítas se esmeravam na catequese dos índios, preparando gramática da língua do "gentio" e encerrando crianças em seminários; em seu rastro, diversas ordens religiosas católicas, como os salesianos e os capuchinhos, montaram suas escolas para alunos indígenas.

A história da educação indígena teve diversas consequências, tanto boas como ruins. Contudo, percebe-se que os indígenas puderam ter a oportunidade de adquirir o conhecimento do português e um modelo de escrita para a sua língua, o que de alguma maneira levavam os nativos a alcançarem novas fronteiras do conhecimento. Embora claro, houve algumas controvérsias entre esse aprendizado da escrita, o que na verdade era apenas um meio para aproximar-se do nativo por meio da fala, quando esses aprendessem o português.

Os Jesuítas como reza a história tinham o intuito de civilizar e evangelizar os nativos e protege-los. Porém pode-se analisar que os povos indígenas já não eram mais decisivos em suas escolhas, ou seja, o Estado tinha total controle de suas vidas, os povos indígenas agora deveriam seguir um padrão de vida diferente, embora com determinada proteção, mais ainda assim, estavam sujeitos a aceitar a civilização, perder seus costumes, e receber as terras que lhes fossem dadas.

1.2 ESCOLARIZAÇÃO COMO MEIO ESSENCIAL DE DESENVOLVIMENTO HUMANO

Sempre que se fala em professor, passa-se pela cabeça das maiorias das pessoas que aquele sujeito vive "bem de vida". Em alguns casos pode ser um fato, porém muitas pessoas não têm essa oportunidade, a de se tornar um profissional e ganhar muito dinheiro. Contudo, se tornar em um profissional é um direito de todos, pois o meio para isso é a educação, e a educação é um direito de todos.

A educação pode mudar a vida das pessoas, uma vez que pode oferecer ao sujeito uma vida econômica equilibrada, o qual poderá dar um futuro melhor à sua família. E claro, com o desenvolvimento das pessoas economicamente, o país também pode se desenvolver arrecadando mais impostos e gerando empregos, além de obter bons profissionais. Tudo isso a educação pode nos oferecer.

O problema é que a educação brasileira ainda passa por um processo de desenvolvimento, e isso dificulta consequentemente o progresso das pessoas que recebem o ensino educacional, que algumas das vezes não satisfaz e não tem alcançado uma educação de qualidade. Então as pessoas acabam saindo do ensino educacional escolar sem ter adquirido e assimilado o necessário para se desenvolver na sociedade, criando empresas ou projetos de fins econômicos

Como descrito por Kassir (2016), a escola é tida como espaço de desenvolvimento humano, tendo como preocupação as políticas educacionais propostas para o acolhimento da diversidade e considerando desenvolvimento humano como direito de todo cidadão e dever do Estado.

O direito de educação, portanto, é assegurado a todos. O Estado deve priorizar o investimento nas escolas, proporcionando oportunidades de crescimento para a sociedade e também para o país. Certamente, o país que deseja igualdade para todos em termos econômicos, precisa apoiar as escolas e promover o incentivo à escolarização, visando qualidade de vida para as pessoas.

Vale destacar, que para obter-se uma ideia do desenvolvimento educacional, foi criado um tipo de análise denominado IDH, o qual analisa a educação de um país. O IDH, não só analisa a educação, mas outros elementos que podem estar relacionados com esta.

Através desta análise tem-se uma ideia de como anda a situação da educação em geral num país. A educação dependendo do resultado do IDH, pode estar de boa qualidade ou estar em um nível de precariedade e estar em uma péssima condição.

]

O Índice de Desenvolvimento Humano foi criado originalmente para medir o nível de desenvolvimento humano dos países a partir de indicadores de educação (alfabetização e taxa de matrícula), longevidade (esperança de vida ao nascer) e renda (PIB per capita). O índice varia de 0 (nenhum desenvolvimento humano) a 1 (desenvolvimento total). Países com IDH até 0,499 têm desenvolvimento humano considerado baixo; os países com índice entre 0,500 e 0,799, são considerados médio... países com IDH maior que 0,800, são considerados alto. (KASSAR, 2016, p. 1224).

Dessa forma analisa-se o desenvolvimento econômico como sinônimo de uma boa formação educacional das pessoas em certo ponto. Se por ventura existir uma péssima alfabetização em um país, logo terão muitos analfabetos, o que fará com que o IDH em parte seja mal desenvolvido e baixo. Por isso, o país deve crescer mediante ao processo de formação de profissionais, investindo na educação, gerando emprego e oportunidades para a população, o que fará o país ter um alto IDH.

Pode-se perceber que a educação tem uma proximidade com o desenvolvimento, e por isso deve-se valorizar a escola como um caminho para se alcançar uma vida equilibrada economicamente, e além disso o sujeito poderá ajudar os pais em suas necessidades, assim como à sua própria família. Pois sabe-se que a educação impulsiona o desenvolvimento econômico das pessoas e até mesmo dos países.

Dessa forma, percebe-se que a educação é considerada um meio que possibilita a todos um pleno desenvolvimento profissional individual, pois assegura às pessoas o sucesso em sua vida profissional. É um direito de todos, pela educação podem-se extinguir as desigualdades e trazer a igualdade para todos.

A educação abrange a todos independente de raça ou etnia, dessa forma é correto dizer que não há mais desigualdade educacional, pelo menos no que se refere a inclusão de pessoas nesse meio educacional. Hoje os quilombolas, indígenas e especiais com algum transtorno podem aderir e ingressar em uma escola e obter o direito de educação. Na verdade, o próprio país compreende que para se desenvolver, precisa também oferecer suporte às pessoas.

De acordo com Falcão (2015), o Brasil investe 5,7% do Produto Interno Bruto (PIB) em educação. Acima da média de 5% dos países mais desenvolvidos do mundo. No entanto, os recursos não garantem o salto para a educação de qualidade, que vai formar mão de obra qualificada, alavancar a produtividade e o crescimento econômico.

Como percebe-se, a concepção de economia de um país está resumida em uma palavra: educação, a qual pode mudar a vida das pessoas, e estas, portanto, podem mudar o mundo. O mundo, precisa de pessoas no mercado de trabalho, cada país necessita de profissionais das diversas áreas do conhecimento, porém sempre haverá requisitos exigidos pelo mercado de trabalho, os quais a escola fornecerá ao aluno para que este execute futuramente de acordo com suas necessidades.

No entanto, nossas escolas não têm chegado próximo de uma educação de qualidade, apesar de tanto investimento. Isso nos remete a suspeitar que esses recursos não são aproveitados pela escola de ensino básico, e esses recursos podem tomar outros rumos diferentes, não chegando completo. A educação superior também faz parte do recebimento desses recursos e pode receber mais do que a educação básica, o que torna os recursos distribuídos de forma injusta.

A educação como se percebe, é uma saída inteligente para o aumento do capital das pessoas, e estas por sua vez podem comprar bens materiais e movimentar o comércio nacional. Mas para ter-se esse objetivo concretizado, é preciso que o Estado melhore o padrão de educação nesse país. Porém, tem-se uma outra situação, para que o país e as pessoas se desenvolvam, que é o assunto da produtividade. Deve-se investir na educação, mas também se espera o aumento de produção. Sem aumento de produção o crescimento econômico não desenvolve.

Dessa forma, percebe-se o quão é importante priorizar a educação e a implantação de escolas em diversas áreas, seja na área urbana, no campo, na área rural e indígena. A escola, do ponto de vista preparatório, dará oportunidades à sociedade de obterem uma vida melhor, e claro, um futuro profissional com sucesso proporcionado pela educação escolar. A escola hoje, visa assegurar o direito de todos, não importa qual seja o povo, etnia ou raça, o que importa é o crescimento do país e mais pessoas capacitadas.

Ao analisar-se Oliveira (2003), nos informa um pensamento em que, há um modo superior, melhor, de pensar, que sem dúvida distinguiria o sujeito que passou pela escola daquele que não passou.

Como se pode observar, a educação nos ensina a pensar de forma mais planejada e eficaz. Para constatar isso, destaca-se a psicologia que é um desenvolvimento avançado da mente, a qual pode analisar metodologias, projetos pedagógicos de uma escola etc. Uma análise interessante de que os alunos que passaram pela escola pensam e constroem suas ideias de forma mais fácil, é comparando estes com os que não tiveram nenhuma escolarização, utilizando testes de inteligência e lógica. Isso nos dará a grande diferença entre ambos os lados.

Certamente, a escola tem a finalidade de transformar a sociedade, de modo que ela se torne mais competente em sua forma de pensar, criar e desenvolver projetos de diversos valores sociais e econômicos. Embora existam alguns estudiosos que defendem o contrário, afirmando que o modo de raciocínio do

escolarizado não difere do não-escolarizado, porém isso seria menosprezar a escola que ficaria sem nenhum valor, já que não poderia mudar o pensamento dos alunos.

No entanto, para obter-se um bom desenvolvimento na maneira de pensar dos sujeitos que passam pela escola, é necessário analisar prudentemente quais conteúdos escolares são de fato essenciais para o progresso dos alunos. Algumas escolas podem oferecerem bons profissionais que tenham capacidade de tornar seus alunos competentes para pensarem e desenvolverem o pensamento de forma útil. Mas algumas escolas podem não adquirir tais profissionais, e, portanto, sem ter metodologias adequadas para seus estudantes.

Levando em consideração Bencini (2003), cada pessoa tem uma história particular e única, formada por sua estrutura biológica, psicológica, social e cultural. É assim na vida, é assim na escola. A questão é como elaborar um projeto de ensino que atenda a todos os alunos, sem exceção, dos mais sensíveis aos mais pragmáticos, dos mais competitivos aos mais colaborativos, dos mais lentos aos mais rápidos, [...].

Desse modo pode-se salientar, que cada pessoa tem uma forma de pensar, que é diferente umas das outras em muitos casos, como em situações emocionais por exemplo, algumas podem chorar, outras já partem para agressividade e outras se isolam. Porém, em se tratando de escola, é óbvio que o conhecimento adquirido ao longo do tempo contribui para uma nova concepção científica e interpretativa das coisas por esses alunos, não importa se aprendem de maneira diferente e lenta.

Todavia é preciso que as escolas estejam atentas aos diversos aspectos no que se refere ao desenvolvimento dos alunos. Pois sabe-se que as metodologias podem ajudar alguns alunos, mas a outros podem dificultar sua aprendizagem e seu desenvolvimento. Por esse motivo, para que o professor e a escola alcancem o desenvolvimento do aluno, deverão adequar seus métodos a cada aluno, e estimular a cooperação entre eles, para que se ajudem.

É importância que a escola procure melhorar o desenvolvimento da criança, pois com a instrução escolar ela saberá agir de acordo com os padrões da sociedade. A escola mostrará à criança o que deve fazer e o que não pode fazer perante a sociedade em qual está integrada, porque de acordo com o meio social, a escola evidencia um processo educacional diferenciado.

1.3 DIREITOS DOS INDÍGENAS À EDUCAÇÃO BRASILEIRA

A educação sempre foi um direito de todos. Embora essa ideia não era aceita por muitas pessoas no passado, porém, com o passar do tempo ela veio a ser não só um direito, mas também uma obrigação. Todas as pessoas, tanto pobres como ricos, quilombolas, brancos ou indígenas devem participar da educação escolar com direitos assegurados por leis elaboradas ultimamente no nosso país.

Sabe-se que no passado, algumas pessoas não eram aceitas dignas de educação, como no caso das mulheres indígenas na época colonial sob a ação dos Jesuítas, e as mulheres europeias como também os negros escravos. Porém a partir da década de 1772 entra em ação a escola pública, e mais adiante na década de 1961 é publicada a LDB que se torna plena em 1988, período este que assegura a todos os povos, raças e etnias o direito à educação.

Como sabe-se, os programas de educação para as comunidades indígenas do nosso país eram centralizados pela catequização, civilização e integração forçada dos povos indígenas à sociedade nacional, a saber, à sociedade portuguesa instalada no Brasil colonial. Esse cenário foi mudando aos poucos, de maneira que hoje os povos indígenas são respeitados e aceitos em seu estilo de viver.

Dessa forma Oliveira (2017), diz que, enquanto o Estatuto do Índio (Lei 6.001), promulgado em 1973, previa prioritariamente que as populações deveriam ser "integradas" ao restante da sociedade, a Constituição passou a garantir o respeito e a proteção à cultura das populações originárias.

A Constituição de 1988, como percebe-se, impôs mudanças no que se refere à condução educacional do povo indígena. O Estatuto do Índio, compreendia a integração do povo indígena a um modo de educação que não atendia às suas necessidades. A partir da Constituição de 1988, observa-se que a FUNAI não seria mais responsabilizada pelos processos escolares dedicados aos indígenas, e sim o próprio Ministério da Educação e do Desporto, que coordena junto ao Estado.

O MEC visa propor métodos que venham demonstrar o respeito aos indígenas. Esses métodos são compreendidos na forma de elaborações pedagógicas, com intenção de diferenciar a educação escolar indígena. Dessa forma, a educação deve utilizar a concepção do modo de aprender diferente desses povos. Respeitando sempre suas tradições, línguas e o seu conhecimento predefinido.

Os povos indígenas são numeráveis, cerca de 210 grupos distintos, que se expressam em mais de 170 línguas diferentes. Tal índice, nos mostra a diversidade de história que se tem no nosso país, o que deve ser trabalhado e anunciado na história do Brasil por meio de livros, e até mesmo ser incluídos nos livros didáticos de forma mais abrangente e expansiva.

Se fala muito em educação de qualidade para os povos indígenas, e não só para eles, mas também para todos os cidadãos do país. Certamente que uma escola de qualidade, e profissionais competentes, dará a sociedade uma possibilidade maior de participar de modo eficaz nos projetos de desenvolvimento do país, e contribuir individualmente é claro.

A portaria do MJ/MEC nº 559, de 16 de abril de 1991, expressa claramente o direito dos indígenas a uma educação de qualidade, laica, diferenciada, bilíngue, com conteúdo curriculares e material didático adequado e com o funcionamento de escolas indígenas no interior das áreas indígenas. (LEIVAS, 2014, P. 9).

A escola indígena no Brasil, ainda não é atendida de forma satisfatória. Apesar de os direitos dos povos indígenas serem aproximados de sua realidade, algumas necessidades ainda existem, como no caso de profissionais indígenas com pouca competência e, as vezes sem formação necessária para ministrar de maneira eficaz as aulas. Algumas escolas não possuem o ensino Médio, o que é uma desvantagem para a comunidade escolar indígena.

Outro caso importante, é que apesar de tais direitos concedidos a esses povos, algumas escolas não proporcionam uma formação adequada para os professores indígenas quando alunos, o que pode ocasionar em uma escola indígena sem qualidade. Em outro momento, nota-se a necessidade de uma formação continuada para os profissionais que atuam na educação indígena.

Existe também outro assunto importante acerca da escola indígena, que é a necessidade de materiais pedagógicos que muitas vezes não chegam nessas escolas por motivos de que o recurso financeiro não veio ou foi liberado. Sem contar que a merenda escolar não chega nos dias obrigatórios, e os alunos ficam por semanas sem merenda escolar. Negligenciando assim com os direitos dos indígenas.

SECAD (2007) apud Grupioni (2004), nos informa um depoimento de uma professora Guarani que diz: "não adianta ter leis, se a escola indígena diferente não

for diferente. Até agora a escola diferenciada só está no papel. [...] A gente não quer que a nossa história e a nossa cultura se percam. Por isso, muitas comunidades indígenas estão fazendo seus próprios currículos, do jeito que eles acham bom. Agora existem leis que falam da educação indígena".

No que se refere ao modo em como a escola indígena funcionará, como percebe-se, será determinada pelos próprios indígenas. Isso acontece, porque eles saberão os limites em que essa escola poderá atender aos seus alunos de acordo como eles vivem, ou seja, no estilo de vida deles no seu meio social.

Sabe-se que cada grupo indígena tem suas religiões. E o seu modo de ver o mundo deve ser respeitado, por isso a escola deve estar de acordo com suas necessidades. Sendo assim, a estrutura da escola são eles que devem escolher, o calendário, os dias sagrados e festivos, também serão eles que definirão para que seja executado.

No entanto, existem muitos direitos dos povos indígenas que ainda não são executados com responsabilidade e qualidade. As escolas indígenas exigem um ensino diferenciado, que atendam suas necessidades sociais, culturais e artísticos e intelectuais. Porém, deve-se pôr em estima o uso da língua portuguesa, que é determinado por lei estar inserida em seu currículo.

Conforme Mendes et al (2013), diz que: o direito à educação indígena está assegurado na Constituição Federal de 1988, no 2º parágrafo do artigo 210: "O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem".

Com relação a uma escola de qualidade, sabe-se que existem ainda muitos alunos com problemas em alfabetização. O que vem a nossa mente, é que a escola ainda não tem atingido os seus direitos garantidos na Constituição, acerca de materiais de qualidade e recursos para a melhoria da educação oferecida aos alunos. Outrossim, é a falta de preparação de alguns professores, o que acarreta no mal desenvolvimento do aluno.

Isso nos mostra que os direitos dos povos indígenas em relação a uma escola de qualidade, ainda não tem se desempenhado de forma desejada. Em outras ocasiões, é necessário que se faça nas escolas uma avaliação pelo menos anual ou bienal para obter informações da qualidade do ensino que se ministra em tais escolas indígenas, e assim analisar o desempenho dessas escolas.

Segundo Leivas (2014), a educação escolar indígena alcançou um importante passo, como o direito de os indígenas terem controle sobre as suas escolas e autonomia para a definição de regras de funcionamento, com previsão de que o Projeto Político Pedagógico das escolas indígenas deve ser elaborado pelos próprios indígenas, professores e comunidade em geral; [...].

Com esses direitos, os povos indígenas passam a cada vez mais registrar as suas identidades culturais, uma vez que, a sua educação escolar era baseada no sistema civilizador, o que na verdade significava o afastamento de sua cultura para uma forma de viver diferente. Contudo, hoje esses povos têm alcançado alguns direitos que lhe asseguram a sobrevivência de sua cultura.

Com o passar do tempo, a escola indígena passa realmente a dar valor no que se refere à língua, cultura e religião dos povos indígenas. Porém antes desse reconhecimento, cabe lembrarmos que a FUNAI foi um dos órgãos a investir em monitores indígenas para executar o ensino bilíngue. No entanto, a ideia nessa época (1973), era ensinar o português através das línguas maternas dos indígenas, não valorizando assim aos indígenas e as suas línguas.

De certa forma os povos indígenas receberam um grande apoio em relação à sua identidade. Essa conquista de suma importância, se inicia a partir da Constituição de 1988. Os seus direitos de se organizar conforme os seus conceitos são agora protegidos, e cabe, portanto, a sociedade em geral respeitarem as suas línguas, crenças e tradições.

Vale ressaltar, que a língua portuguesa tem uma grande importância para os indígenas. Quando se observa as línguas maternas indígenas, percebe-se que elas são importantes por sua diversidade histórica. Porém, os indígenas dependem tanto da língua portuguesa quanto da língua materna. Os professores indígenas precisam saber o português para traduzir os conhecimentos escolares e do mundo para a língua nativa dos alunos.

1.4 IMPORTÂNCIA DA LEITURA E ESCRITA NA ESCOLA INDÍGENA

A escola é o lugar que propõe o desenvolvimento das crianças e as prepara para serem profissionais com capacidades de desenvolver suas ideias no meio social. Na escola, sempre há a preocupação com o domínio da leitura e escrita. Nas escolas indígenas ocorrem alguns exemplos de alunos que na maioria deles, não

conseguiram dominar pelo menos o básico de escrita e leitura no que diz respeito à gramática.

As vezes parece preocupar-se com o domínio da leitura e escrita da língua portuguesa para os povos indígenas, é querer menosprezar a sua língua materna. O que na verdade, é apenas tornar o indígena mais acessível ao conhecimento, pois sabe-se que muitos conhecimentos são transmitidos através da língua portuguesa, fazendo-se necessário que os povos indígenas aprendam o português.

Em questões escolares, o fracasso escolar é um dos problemas que preocupa os professores a respeito dos alunos, pois isso pode torna-los despreparados para desempenhar suas atividades futuramente profissionais. É necessário que se faça uma análise mais aprofundada no caso do fracasso escolar indígena, em relação ao domínio da língua portuguesa no sentido de sua escrita e leitura.

De acordo com Souza; Bruno (2017), a expressão fracasso escolar até pouco tempo era utilizada e só fazia sentido no âmbito da escola não indígena, quando o aluno não alcançava as expectativas propostas pela escola. No entanto, atualmente, essa expressão se estende para as escolas indígenas.

Nesse sentido, pode-se analisar que não somente os não-indígenas, mas também os indígenas precisam ter essa atenção especial, com propósito de se criar metodologias que visem a solução de tais dificuldades enfrentadas pelos alunos. Pois os alunos indígenas também são estudantes, e precisam tirar boas notas. Sem atenção escolar por parte dos professores, a escolarização indígena será sempre um caos.

O estilo de ensino dos povos indígenas funciona tradicionalmente através da fala, ou seja, os mais velhos vão ensinando os adolescentes sem necessitar da escrita. Contudo, a leitura e escrita em português, denota uma importância para os indígenas, pois ela guarda conhecimentos valiosos de diversas áreas da ciência. E para adquirir esses conhecimentos, a escola indígena deve incentivar a prática da leitura e escrita portuguesa.

Se a escola indígena não incentiva os seus alunos a praticarem a leitura da língua portuguesa, o que poderá acontecer, é aquilo que se chama de fracasso escolar. É claro que a escola também fica em desvantagem com isso, pois passará às pessoas o título de uma escola que não desenvolve bem seus alunos. Dessa maneira, o progresso do aluno na leitura e escrita depende em parte dos cuidados do professor.

Com a análise de Santos (2017) nos assegura que, [...] a leitura exerce um papel relevante no amadurecimento intelectual, crítico e criativo dos alunos, ampliando suas potencialidades e, conseqüentemente o seu rendimento escolar, como também o desenvolvimento de sua personalidade. [...]. Sendo a leitura um fator de desenvolvimento intelectual e cultural, esta deve ser estimulada de diversas maneiras, uma delas é por meio de práticas de leitura que possam chamar a atenção do aluno.

É importante estar atentos sobre a questão do gosto pela leitura, pois para desenvolver-se uma boa escrita e leitura, depende-se desta prática, o de ler. O conhecimento pode ser obtido pela prática da leitura. Uma das formas mais fáceis de se obter informações diversas, sem a necessidade de um locutor, é lendo por si mesmo. O mundo está cheio de informações, mas para interagirmos com esse meio, a melhor opção é a leitura.

No mundo existem informações de várias áreas do conhecimento, e em nosso país esses saberes são processados em português. Sabe-se que existem cerca de 210 tribos indígenas no Brasil, e são faladas aproximadamente 180 línguas. Com isso, existe a possibilidade de analisar a grande importância do domínio da leitura do idioma português para os indígenas.

Se realmente é importante que a escola transforme a vida do aluno no sentido de conhecimentos, é correto entender que a escola indígena tem um desafio maior que as escolas não-indígenas. Para isso, basta analisarmos a quantidade de línguas indígenas, o que seria impossível proporcionar informações mundiais e nacional em todas essas línguas indígenas sem o uso do português. Além disso, o domínio da língua portuguesa por esses povos, economiza uma grande quantidade de livros.

Em Souza; Bruno (2017), apud Rossato (2002), cita-se a fala de um indígena: [...] /Primeiro lugar ler e escrever / Para terem capacidade na leitura / Para terem maior conhecimento / [...] / Para enfrentar e acompanhar o progresso / Pegar emprego na cidade / Para competir com o não-índio por um emprego, um cargo / [...]. Para fazer o que o mundo lá fora faz / Adaptar-se melhor / Aprender como viver no meio do branco [pois] quando sair, precisa falar, dialogar.

Nesse sentido, percebe-se que alguns indígenas de algumas tribos se preocupam com o domínio da língua portuguesa. Todavia, não são todas as tribos que pensam dessa forma. Pois existem indígenas que não demonstram interesse à

língua portuguesa, optando por ficar apenas com o aprendizado da escrita de sua língua nativa.

É importante destacar que os povos indígenas, que falam cerca de 180 línguas, quando vão se comunicar entre eles mesmos, a opção para essa interação é a língua oficial do Brasil, a saber, o português. Com isso, vê-se de maneira explícita o grandioso valor do domínio do idioma português para esses povos

De qualquer modo, o sucesso da escola indígena depende dos profissionais que nela exercem o ensino da língua portuguesa. As escolas indígenas precisam de um pouco mais da atenção das secretarias de educação, que junto com os professores devem inserir metodologias que venham fazer com que os alunos progridam e alcancem um bom desempenho da leitura e escrita portuguesa. Pois a educação de qualidade é um direito de todos.

Portanto, pode-se perceber que o ensino do português na escola indígena tem um significado enorme para os povos indígenas. Ela pode lhes fornecer aquilo que é essencial para a sua participação de forma segura sobre as informações nacionais e além disso, a competência para desenvolver as suas próprias ideias. Outra facilidade que a língua portuguesa pode fornecer aos indígenas, é a comunicação, pois quando saem de suas aldeias para a cidade, precisam utilizar-se do português.

Segundo Santos (2017), nos mostra de forma clara a importância do português quando afirma que, "é de grande importância informar aos alunos a diversidade cultural existente no Brasil, e o mais importante é que pode ser por meio da leitura, aguçando a imaginação e a vontade dos alunos em buscar novas fontes de leituras tornando-os leitores ricos de conhecimentos, pois os variados tipos de leituras são grandes fontes de informações.

No entanto, é importante mencionar que a valorização da língua portuguesa não quer dizer que a língua indígena é menos importante. O que se pode definir é que a língua indígena e a portuguesa são de muita importância para esses povos, que de fato lhes trazem muitas vantagens sociais.

Uma das vantagens em questão da língua portuguesa que também podem-se destacar, é o motivo pelo que todo cidadão precisa conhecer os seus direitos constitucionais, penais e civis. E essas informações são registradas em português, por isso a importância de que as escolas indígenas tenham uma abordagem mais cuidadosa e especial do idioma português. A língua portuguesa deve ser

compreendida não só em ler palavras, mas também compreender a interpretação de vários textos.

Seria muito difícil se a língua portuguesa não fosse inserida no currículo escolar indígena. A língua portuguesa foi um dos meios utilizados no período colonial para se comunicar com os indígenas, porém naquela época a língua do nativo não era respeitada. Hoje a língua indígena é reconhecida e respeitada, porém, como nos antepassados, a língua portuguesa continua sendo vista como um meio de comunicação essencial para esses povos.

O Instituto Sócio Ambiental ISA (2018), menciona em sua página que todos os documentos que regulam a vida da sociedade brasileira são escritos em português: as leis, principalmente a Constituição, os regulamentos, os documentos pessoais, os contratos, os títulos, os registros e os estatutos.

Daí pode-se analisar que a língua portuguesa tem uma imensa importância para os povos nativos. Contudo, muitas escolas apesar de seus direitos protegidos pela Lei, não detém materiais necessários e adequados para trabalharem de forma prazerosa o ensino da leitura. Outra situação, é a falta de preparação dos professores que muitas das vezes não têm o auxílio de técnicos para conduzir a alfabetização com segurança. Isso pode dificultar o desenvolvimento dos alunos no que diz respeito a alfabetização.

O professor indígena precisa receber uma preparação que demonstre competência, para assim elevar seus alunos ao domínio da leitura e da escrita, tendo assim bons rendimentos no final do ano letivo. Há quem diga que a língua portuguesa muitas das vezes não é bem assimilada pelos professores indígenas nas maiorias das aldeias. O que nos mostra a falta de preocupação com o ensino dessa disciplina aos alunos nas séries iniciais, os quais não serão bons professores de fato, caso queiram seguir esta profissão.

Por outro lado, se os professores indígenas não qualificarem os seus alunos em um nível básico de controle da escrita e leitura em língua portuguesa, poderão prejudicar os educandos de forma irreparável. Seus aprendizes não terão um bom entendimento do que leem, e tampouco uma clara extração de informações textuais.

2. DESAFIOS DA APRENDIZAGEM DA LEITURA PARA OS ALUNOS INDÍGENAS EM LÍNGUA PORTUGUESA

2.1 A NECESSIDADE DA LEITURA E ESCRITA PARA A ETNIA INDÍGENA

É extraordinário para a sociedade em geral, a saber, a alfabetização e a importância da escrita e leitura, uma vez que são uma ferramenta indispensável para se adquirir diversas informações, como por meio de livros, em pesquisas na internet, e por meio da escrita, pela qual é possível expressar algumas necessidades, como no caso de informar acontecimentos e criar livros ou artigos, como também se informar por meio da leitura.

No que se refere aos povos indígenas, é discutido que a prioridade do ensino seja em sua língua materna, sendo respeitadas as suas histórias e culturas, embora a língua portuguesa seja também inserida nos seus currículos. Sabe-se que a educação é um direito de todos, e nesse caso entende-se que o português faz parte do ensino escolar para a educação dos indígenas.

Sabe-se que cada ano que se passa os povos indígenas vão se aproximando mais do espaço escolar, tanto para aprender como para ensinar. Nesse sentido observa-se a grande necessidade da leitura e escrita para os indígenas. Muitos indígenas têm ingressado ultimamente em universidades de ensino, para se formarem em professores. E nesse caso precisam vir acompanhados de conhecimentos básicos sobre a escrita portuguesa e sua leitura.

O indígena precisa e necessita da escrita e leitura da língua portuguesa em duas situações urgentes: a primeira é para poder se formar em um curso na faculdade, pois se não tiver uma boa interpretação e desenvolvimento na área da leitura, poderá ser reprovado no vestibular, e ainda que consiga ingressar na faculdade, certamente terá problemas nas disciplinas; a segunda, é para poder transmitir o ensino com qualidade para seus futuros alunos.

Ao realizar suas tarefas básicas, a escola e os professores estão cumprindo responsabilidades sociais e políticas. Com efeito, ao possibilitar aos alunos o domínio dos conhecimentos culturais e científicos, a educação escolar socializa o saber sistematizado e desenvolve capacidades cognitivas e operativas para a atuação no trabalho e nas lutas sociais pela conquista dos direitos de cidadania. (LIBÂNEO, 1994, p. 33).

O ensino da língua portuguesa é de grande valor para ambos os lados, tanto para o não- indígena como para o indígena de diversas tribos. Pois como poderão os povos indígenas se expressarem quando não houver intérpretes, não dominando eles a fala do português? Nem todos lugares se dispõem de intérpretes indígenas. Como ingressariam em uma universidade sem o conhecimento do português? Certamente que encontrariam grandes barreiras nas quais seriam reprovados.

Desse modo os alunos indígenas precisam ter o domínio da leitura portuguesa e conseqüentemente uma fala bem compreendida para se expressarem melhor no meio social não-indígena. Para isso, os alunos devem receber uma boa preparação desde a educação infantil, visando o seu bom desempenho escolar durante a educação fundamental.

Caso os alunos do ensino infantil não tenham uma boa instrução, poderão ter grandes dificuldades em escrever e ler em português. Também podem surgir outros problemas como por exemplo, a maneira de falar em português dos indígenas, que em muitos casos não é inteligível. Essa dificuldade em falar português, pode estar relacionada com o desenvolvimento do indígena durante a fase escolar, que de alguma forma não foi bem desenvolvida.

De acordo com Albuquerque (2013), a produção de textos indígenas, mesmo em língua portuguesa, contribui também para que a sociedade envolvente conheça melhor as sociedades indígenas e, assim, se enriqueça culturalmente. Desta forma, os textos produzidos em língua portuguesa, nas escolas e comunidades indígenas, têm sido uma maneira privilegiada de divulgação dos conhecimentos tradicionais e de afirmação para as sociedades indígenas.

Como percebe-se, a língua portuguesa pode proporcionar uma maior expansão do conhecimento dos povos indígenas. E isso pode ser feito e alcançado através da escrita. Nesse raciocínio pode-se analisar a inseparável ligação da língua portuguesa para com os indígenas. É óbvio, que a língua materna dos povos nativos tem grande importância para seus falantes, todavia há uma inseparável necessidade desses povos na aquisição da leitura e escrita do português.

A língua portuguesa é um meio de comunicação pelo qual todos os livros didáticos são escritos. Apenas alguns materiais didáticos são expressados na língua materna dos povos indígenas, pois a língua materna está inserida no currículo escolar como direito. Mas em comparação com os demais livros como artes,

matemática, história, geografia, ciências e estudos amazônicos, nota-se uma grande variedade de conhecimentos que estão escritos em língua portuguesa.

Na lógica, faz-se necessário que os indígenas se empenham com esforço para adquirir a capacidade de se expressar por meio da leitura e escrita portuguesa. Uma vez que a língua portuguesa percorre todo o país, esta é o canal principal caso o indígena queira expandir seus pensamentos, conhecimentos, sua identidade histórica e escrever livros sobre o seu povo, e claro, para procurar informações.

Andrioli, et al (2010), informa que no campo da alfabetização e do bilinguismo, pode-se ressaltar que o aprendizado de uma segunda língua oportuniza o fortalecimento das estruturas linguísticas, favorece o desenvolvimento cognitivo e amplia as funções psicológicas superiores (percepção, concentração, memória, pensamento criativo, expressividade por meio de diferentes linguagens) promovendo também o aumento das possibilidades de comunicação interpessoal e comunitária contribuindo com o reconhecimento, [...], da diversidade cultural.

Ao aprender a dominar duas línguas como no caso da materna e a portuguesa, os indígenas nada terão a perder senão a somente ganhar. E ganhar muito, visto que com o domínio da escrita, leitura e fala portuguesa, poderá se comunicar de várias formas. Se precisar de estar mais informado no mundo do conhecimento, poderá ler livros, ou pesquisar na internet. Havendo necessidade de expor suas ideias em um artigo, poderá escrever, se precisar falar oralmente, falará e todos entenderão.

A alfabetização do português revela um princípio para o desenvolvimento e adaptação do aluno indígena. Ler e escrever, é desvendar outras formas de se comunicar. É poder transmitir seus sentimentos e sentir os sentimentos de outros escritores. No entanto, é preciso ler para descobrir o pensamento de outras pessoas quando esta se expressa pela escrita. Para saber se ela está informando, dando uma proposta ou contando uma história.

Como sabe-se, existem aproximadamente 200 povos indígenas que falam em torno de 170 línguas, que vivem de forma diferente um do outro, tendo conhecimentos históricos diferentes. Para que haja comunicação entre esses povos é necessário que todas essas tribos se desenvolvam na língua portuguesa. Esses povos podem se comunicar um com o outro por meio da fala e escrita portuguesa.

Segundo Libâneo (1994) reconhece que a preparação das crianças e jovens para a participação ativa na vida social é o objetivo mais imediato da escola pública.

Esse objetivo é atingido pela instrução e ensino, tarefas que caracterizam o trabalho do professor. A instrução proporciona o domínio dos conhecimentos sistematizados e promove o desenvolvimento das capacidades intelectuais dos alunos.

Dessa forma, a língua portuguesa não pode jamais ser menosprezada como sendo em última opção, ou sendo opcional por parte dos alunos indígenas. Os indígenas devem entender o valor da leitura e escrita em português, pois isso é importante na vida e na sociedade. O Estado deve incentivar que se proponha bons professores da língua portuguesa, para que a alfabetização desses povos seja proveitosa em questão da leitura e escrita.

Se assim for feito e alcançado esse objetivo, concretizara-se com segurança que no futuro esses alunos terão capacidade para serem bons comunicadores, tornando-se interpretadores habilidosos e críticos das diversas ideias e de estudos produzidos pela sociedade e do mundo.

De qualquer maneira, sabe-se que os indígenas passaram a ter a necessidade de dominar os códigos da língua portuguesa há muito tempo. Para recordarmos, basta voltarmos ao passado em que os portugueses começaram a colonizar o país. A partir dessa época, ler, escrever e falar a língua dos portugueses era uma vantagem para a sobrevivência desses povos. Assim, eles poderiam trocar ideias e firmar acordos de seus interesses.

De acordo com Albuquerque (2013) apud Cagliari (1989), o professor ao lançar mão de conhecimentos da linguística, passa a ver a criança como sujeito do processo de aquisição da leitura e da escrita em língua materna e português, isto é, um sujeito que, ao chegar à escola, ainda não traz uma representação do que seja ler e escrever, visto que possuem uma tradição de língua oral. [...], ler e escrever são atos linguísticos e, portanto, a compreensão da natureza da escrita, de suas funções e usos é indispensável ao processo de alfabetização.

As crianças ao adentrarem no espaço escolar, se deparam com um novo mundo, onde tudo é novo e confuso. Nesse ambiente, existem crianças de todos os aspectos, como curiosas, desinteressadas, medrosas e algumas que são estressadas. Essas crianças não sabem e não entendem o porquê de estar ali, por esse motivo faz-se necessário, a intervenção sábia do professor. Este deve explicar para as crianças o que será tratado na escola antecipadamente.

As crianças indígenas que nunca entraram em uma sala de aula, podem ficar curiosas, e outras apreensivas, nos primeiros dias de aula. O professor deve

apazigua as crianças apreensivas e controlar as curiosas. Como as crianças indígenas falam exclusivamente a sua língua materna, e ainda não fazem noção da língua portuguesa, o docente precisa lhes mostrar em palavras a importância de conhecer as letras, alfabetos e palavras da língua materna e português.

Incentivando e auxiliando as crianças a praticarem a escrita das duas línguas, o professor poderá o quanto antes impedir que esses alunos corram o risco de não acompanharem o progresso do ensino. Se os alunos começarem a ter dificuldades em acompanhar a execução do processo da alfabetização, é bom que se tomem medidas para amenizar a situação, afim de que o aluno não fique atrasado na prática da leitura e escrita.

2.2 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA

O aprendizado da leitura e escrita não é uma tarefa fácil de se desenvolver. Leva tempo e também depende do esforço do aluno. Por outro lado, o professor é uma peça importante nesse processo, pois este é quem facilita o aprendizado dos alunos e está atento para detectar qualquer dificuldade encontrada nos educandos. Após conhecer as necessidades dos alunos, o professor poderá executar métodos para solucionar esses problemas.

O ensino do português para os indígenas tem sido visto de forma complicada, no que diz respeito à sua aprendizagem. Existem algumas escolas indígenas que apresentam alunos com dificuldades na leitura e escrita estando cursando o 5º e as vezes o 6º ano do ensino fundamental. Isso nos mostra a grande necessidade de se trabalhar com mais cuidado esse assunto, e investigar a causa do fracasso desses alunos. A escola existe para transmitir conhecimentos que possam fazer dos alunos pessoas bem informadas e preparadas, contudo deve-se considerar a competência do professor.

O motivo pelo qual alguns indígenas detêm sérias dificuldades na escrita e leitura do idioma português, pode estar ligado a diversos fatores. A escola por si mesma precisa investigar qual problema acarreta esse mal desempenho dos educandos no contexto da alfabetização. A causa pode estar, no aluno, no professor ou até mesmo na metodologia que a escola ou o professor usa, a qual não atende as necessidades pedagógicas para aqueles alunos.

Para Granziol (2017), as dificuldades de aprendizagem na alfabetização devem ser detectadas a princípio pela observação realizada pelos professores e pais, para juntos buscarem ajuda de outros profissionais que farão a intervenção adequada de acordo com as necessidades de cada aluno.

É preciso que o professor facilite a compreensão do aluno a respeito da leitura e escrita. Existem vários alunos indígenas e não indígenas, que não gostam de praticar a leitura, o que nos dá a entender que esses educandos poderão ter dificuldades em alfabetizar seus alunos, caso se tornem professores futuramente. Por isso, faz-se necessário o sacrifício para se ganhar o gosto pela leitura, pois com o aperfeiçoamento desta torna-se maior o campo de comunicação e interpretação sobre o conhecimento.

Para que a alfabetização ocorra com sucesso nas escolas indígenas, no caso da língua portuguesa, é necessário que o educador que ministra nas séries iniciais, seja amplamente qualificado e habilidoso para desenvolver uma alfabetização que rendam bons resultados na aprendizagem dos educandos.

Caso o docente não tenha habilidades necessárias para conduzir um ensino eficaz, certamente que haverá consequências focalizadas nos alunos. Estes por sua vez estarão sujeitos a carregar uma cruz pesada no que se refere a leitura e escrita da língua portuguesa, porquanto o professor não aplicou ou não teve a devida metodologia para o tal assunto.

De acordo com Kramer (2010), sem condições materiais objetivas para nossos professores e sem possibilidades concretas de que se tornem intelectuais, críticos de seu tempo, da sociedade em que vivem e dos contextos específicos em que atuam como leitores do mundo e de textos não me parece ser possível superar as marcas do analfabetismo.

O histórico de um professor deve ser o de que ele era um bom exercitador da leitura e escrita, que tinha prazer em ler e descobrir novas informações através da leitura de livros. Assim estará assegurado, que tal professor incentivará e tornará seus alunos em bons leitores. Porém se for ao contrário, e o professor não simpatiza com a leitura, poderá fazer herdar aos seus alunos a mesma deficiência.

Vale ressaltar a importância do professor pedagogo, pois este profissional por se encontrar habilitado, pode por meio de metodologias transformar o aprendizado dos educandos para o sucesso e lhes oferecer bons rendimentos escolares. Este

profissional conta também com uma disciplina importante em seu currículo, que é a Didática, proporcionada nos cursos de Pedagogia.

A Didática instrui uma forma técnica de transmitir o ensino escolar. São métodos que possibilitam a aprendizagem do aluno dirigida por diversas teorias. Porém, compreende-se que muitas vezes o professor precisa mudar sua maneira de ensinar predefinida por esses métodos, e adaptar outros modos de ministrar suas aulas. Isso, dependerá da situação em que se encontra o educando no seu processo de aprendizagem.

Assim como afirma França (2019), é função da escola, por meio da figura do professor, adaptar a metodologia de ensino para ajudar o aluno. Não apenas em relação à adoção de práticas ou instrumentos para contornar as dificuldades de aprendizagem. É necessário buscar a dinamicidade e inovação na sala de aula, integrando atividades lúdicas e adotando ferramentas tecnológicas de apoio ao ensino.

É sabido que as crianças não aprendem da mesma forma umas das outras. Algumas se desenvolvem primeiro do que a outra, o que nos leva a entender que devem-se utilizar metodologias diferentes específicas para cada criança, relacionadas de acordo com seu problema. Nesse caso pode-se usar pequenos intervalos para trabalhar determinada questão escolar, o que de certa forma não prejudicará os alunos mais adiantados, pelo contrário, poderá ser uma experiência para os que estão mais desenvolvidos ao ajudarem os colegas que estão com dificuldades.

Nas escolas indígenas é trabalhada o ensino multiserial, ou seja, alunos do 4º ao 9º ano podem estudar numa mesma sala. As tarefas devem ser passadas de formas diferentes, trabalhando os níveis de escolarização com cuidado, pois precisam de uma atenção especial, e nessa modalidade o tempo é curto. Em algumas escolas como no caso da aldeia Posto de Vigilância, existem nessa modalidade alunos inseridos no 6º apresentando dificuldades de leitura do português.

Muitas das crianças indígenas que estudam tendem a chegar em alguns casos até o sexto ano com dificuldades em ler e escrever. Dependendo do nível de escolarização, a gravidade do desenvolvimento escolar desses alunos vai variando também. Porém, no que diz respeito ao básico de aprendizado, é um problema de alto nível. Na aldeia Posto de Vigilância, por exemplo, foi verificado alunos com

difficuldade de ler e escrever palavras simples e até mesmo as sílabas, estando inseridos no 6º ano.

De imediato Petronilo (2007), entende que, como o objetivo mais importante da alfabetização é ensinar a escrever, as crianças com dificuldade de aprendizagem da leitura e da escrita requerem uma atenção especial.

Um dos meios para se analisar o nível de domínio dos educandos sobre a escrita e a leitura, é por exemplo, propor produções de textos. No caso dos anos iniciais como o primeiro, segundo e terceiro, pode-se utilizar produções de palavras simples, sílabas simples e complexas, e até mesmo "ditado" para que os educandos escrevam em seu caderno. A partir dessas construções realizadas pelos alunos indígenas consegue-se ter uma ideia sobre as suas dificuldades e como melhorar sua situação.

A leitura e escrita da língua portuguesa ministrada nas escolas indígenas é uma situação encarada como dificultoso de se assimilar. A educação brasileira ainda não tem alcançado uma educação de qualidade para todos, principalmente para a área indígena que mais sofre com essa situação. Os professores podem amenizar a alfabetização dos educandos na língua portuguesa. No entanto, é preciso que os professores sejam supervisionados de forma mais cuidadosa, para trabalharem com os alunos de maneira profunda e intensa o ensino do português.

Ler e escrever não são apenas conhecer o significado das palavras, é preciso compreender o que se lê, é preciso ser capaz de desenvolver um texto com ideias que estejam em coesão. Não é somente conhecer o alfabeto e escrever palavras, mas ser capaz de criticar uma ideia proposta por um autor, interpretar o que o texto quer transmitir. O indígena pode se tornar em um aluno apto a ler em português sem atropelar os acentos tônicos e produzir textos, cabe a escola facilitar.

Segundo Souza; Bruno (2017) apud Rojo (2009), a principal agência para o ensino da leitura e da escrita é a escola, embora a autora reconheça que algumas pessoas se alfabetizam fora da escola. A alfabetização, enquanto processo de ensino, está delegada à instituição escolar.

A escola é um espaço onde as pessoas podem alcançar o desenvolvimento intelectual e ascender na sociedade. Existem diversos problemas em uma escola, problemas com merenda escolar, com materiais didáticos, com professores e alunos. Todavia, a escola continuará sendo o único lugar em que as crianças poderão ter uma oportunidade, de conhecer um mundo novo, cheio de informações.

Os professores são os guias que elevarão as crianças ao domínio da leitura e escrita, que é o motivo pela qual a escola existe. A comunicação por meio da escrita e da leitura, é um presente que toda pessoa gostaria de ter, e esse é o foco da escola, o de alfabetizar. Existem muitas dificuldades entre os indígenas no sentido de aprender o português. Sobre essa questão, analisa-se que as escolas indígenas precisam de mais apoio pedagógico, para diagnosticar esses problemas escolares.

2.3 O PROFESSOR E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA ESCOLA INDÍGENA

As escolas indígenas devem receber um atendimento diferenciado das escolas não-indígenas, porém os mesmos direitos de qualidade de educação são garantidos aos educandos indígenas. A educação escolar indígena deve ser específica, diferente, intercultural, de qualidade e em duas línguas.

O Estado por sua vez deve proporcionar oportunidades para que haja formação de professores indígenas, para atuarem nas escolas com eficácia. O projeto da escola, os seus objetivos educacionais a ser alcançados, calendário escolar, a metodologia adequada para a aprendizagem dos alunos, conteúdo e o modo de avaliação conforme a lei, é decidida pelos próprios docentes indígenas.

O ensino ministrado pelos professores indígenas precisa satisfazer as necessidades dos alunos. O conhecimento universal deve ser oferecido para os educandos nas escolas indígenas, por isso os professores devem ser preparados para serem capazes de transmitir o conhecimento formal e necessário para os alunos.

Dessa forma Sartoro (2020), afirma que se evidencia cada vez mais a importância de formar professores índios para atuarem na educação indígena, sendo eles o principal sujeitos autores de uma educação indígena, formulada, pensada e refletida pelos próprios professores índios.

Pode-se analisar a carência da qualidade de educação escolar indígena, que pode ser percebida pelo precário desenvolvimento dos alunos em níveis escolares nos quais não deveriam estar por esses motivos. A escola precisa de supervisão dos órgãos superiores e das secretarias, para se alcançar uma educação justa. Afinal, a escola indígena muitas das vezes nunca receberam uma visita técnica para se orientar os professores. Os técnicos podem auxiliar no desenvolvimento da escola.

A escola indígena compreende um grande campo, que é expandida em diversas tribos. Com essa situação, se torna mais difícil a supervisão em todas as

escolas. Dessa forma, espera-se uma formação continuada de professores com mais lentidão. Seria bom que o Estado contratasse mais profissionais de orientação escolar para que a educação indígena alcance a qualidade básica de ensino. Pois deve-se lembrar que existem no Brasil cerca de 200 etnias, o que nos mostra a quantidade de escolas existentes.

Nesse sentido, muitos dos professores podem não obter a adequada orientação para desempenhar suas atividades escolares. As práticas pedagógicas precisam utilizar-se de metodologias que venham fazer com que os alunos pensem, entendam e aprendam a desenvolver as atividades escolares, como por exemplo a leitura e escrita que é muito importante.

De acordo com Santos (2017), destaca que transmitir a leitura de uma forma diferenciada mostrando sua relevância, tornando o texto atrativo é despertar o desejo pela leitura. Assim, a leitura feita das narrativas indígenas pode contribuir para um olhar crítico sobre os diferentes temas de nossa sociedade como os paradigmas e preconceitos sobre os indígenas.

A tarefa do professor não é tão fácil de se exercer, é preciso dedicação ao trabalho e demonstrar apoio à criança, sempre trabalhando para que ela se desenvolva. As crianças e adolescentes durante o processo escolar aprendem de formas diferentes, como já se mencionou, e em tempos diferentes. Algumas aprendem mais rápido, outras aprendem de forma mais lenta.

O educador, portanto, deve planejar um método em que todos os alunos trabalhem juntos, visando a interação entre os educandos de maneira que se ajudem uns aos outros e ninguém se sinta isolado. As vezes não se sabe qual é de certo a dificuldade do aluno, para que seja solucionada, e quando estes são reprovados nos diversos trabalhos escolares, são tidos como preguiçosos.

O professor que almeja o desenvolvimento de todos os seus alunos, precisará analisar qual o conhecimento que cada um traz quando ingressam na escola, pois muitas crianças são ensinadas pelos seus pais sobre alguns assuntos escolares de antemão, mas algumas não trazem quase nada de informação. É importante frisarmos que a comunicação dos pais com seus filhos, a tornam mais comunicáveis e, portanto, interativos na escola. No entanto algumas chegam sem experiências de interação e tímidas.

Como descrito por Reis (2013), nas escolas indígenas, o processo de aquisição do saber formal ocorre de forma intrínseca, em que os professores buscam

aproximar os conhecimentos tradicionais aos conhecimentos específicos de cada aldeamento. Sendo assim, os educadores assumem um papel de grande relevância para a vida dos indígenas diariamente, pois possibilitam o acesso aos saberes universais, promovendo um intercâmbio político, econômico e social.

O professor indígena é a pessoa que irá instruir os educandos de acordo com seu conhecimento que recebeu por meio de sua formação. Contudo, é necessário que o Estado proporcione a formação continuada para esses profissionais, pois só assim poder-se-á atingir uma educação de qualidade. Os técnicos escolares devem estar mais ativos, no que diz respeito ao auxílio educacional a esses professores.

Ao exercer o ensino nas aldeias, o professor deverá ter habilidades pedagógicas, para assim ministrar e ampliar o ensino na escola indígena. Sabe-se que a língua materna e a língua portuguesa devem caminhar juntas em relação ao ensino dos alunos indígenas. O professor indígena receberá preparação para ministrar aulas sobre seus valores, seu modo de se relacionar com a natureza, sua língua e a língua portuguesa.

Não é preciso somente estar atento em repassar os conteúdos, mas também se preocupar com o aluno e lhe dar atenção. Muitas das vezes o aluno não consegue desenvolver suas atividades sozinho, e além disso não tem coragem de fazer perguntas ao professor. Nesse sentido, o docente deve estar sempre acompanhando o desenvolvimento das atividades dos alunos em sala, para notar suas dificuldades e ajudá-los.

A partir de uma boa análise da turma enquanto desenvolvem seus trabalhos, o professor poderá direcionar melhor os alunos que demonstram dificuldades. Poderá então, incentivar a troca de informações entre a turma, e o professor será também participativo. No caso da escrita, os alunos podem ser incentivados a produzirem textos de diferentes gêneros para irem se desenvolvendo e superando os seus desafios.

Para Fernandes (2011), o conhecimento prévio dos alunos constitui um amplo esquema de resignificação, devendo ser mobilizado durante todo o processo de ensino-aprendizagem, pois a partir deles o indivíduo interpreta o mundo. Todo conhecimento prévio surge do contexto social do estudante e, portanto, deve ser substituído por meio da transmissão clara e objetiva de novos materiais adequados de ensino.

Para essa prática pedagógica os professores podem utilizar a literatura indígena. A literatura indígena é de muita importância para o seu próprio povo, e ao utilizar a escrita para registrar sua história e cultura poderão ser conhecidos pela sociedade não-indígena, e então ser compreendida, respeitada e protegida. Existem outros assuntos como os mitos, lendas e religião, que podem ser usadas na escola, pois as crianças já trazem esse conhecimento de casa.

Ao utilizar a escrita portuguesa para registrar suas lendas, mitos e costumes, o professor propaga o conhecimento para o aluno em sala de aula, o qual melhorará a sua escrita e leitura na língua portuguesa. O professor indígena pode transformar seus alunos com essa prática da literatura, escritores de literatura indígena. Porém, é preciso que os professores trabalhem juntos e conscientes sobre este assunto.

As escolas indígenas não devem se resumir somente aos conteúdos predefinidos. Deve-se valorizar as diferentes manifestações culturais e fazer o uso delas para multiplicar ainda mais o conhecimento do aluno. Porém, deve-se entender que o gosto pela leitura é importante, e nesse caso, a literatura é uma opção para chamar a atenção do leitor. Além disso, a literatura indígena nos mostra um Brasil com diversidade cultural.

Segundo Petronilo, (2007), os professores devem auxiliar as crianças com dificuldades de aprendizagens nas tarefas da escola, fazendo a divisão dos trabalhos longos em pequenas partes, para ajuda-las a rever os conteúdos de ensino; ..., tomar cuidado com o material escrito: letras claras, uso de desenhos. O uso do dicionário deve ser ensinado e, quando possível, ilustrado; bem como o uso de material colorido e grande para o aprendizado da letra. Enfim, o professor e a família devem estar informados, familiarizados e sensibilizados para apoiar e ajudar a criança durante o processo de aprendizagem.

Em muitos dos casos a criança não consegue aprender com a metodologia usada pela escola. Como sabe-se, o professor é a pessoa que mais conhece o aluno, em relação ao andamento de seu aprendizado. Nesse sentido, o professor deverá planejar as suas aulas de acordo com a necessidade dos alunos. E claro, após identificar o nível de conhecimento de cada um, é fundamental que o docente ministre conteúdos escolares baseados no alcance do alunado.

O docente deve notar em cada aluno o andamento do seu processo de desenvolvimento. Deve notar as suas falhas ortográficas, e isso pode ser feito com análises mensais, para que o professor passe novos conteúdos sem se preocupar

com o anterior. A metodologia de ensino da escola nem sempre funciona com o modo de aprender dos alunos, por isso o professor deve estar atento e perceber qual é a melhor metodologia a ser usada naquele momento.

Nas aldeias há professores indígenas que são parentes consanguíneos de toda a aldeia, e que as vezes moram nestas mesmas. Tendo em mente essa ideia, muitos professores indígenas transferem os alunos do 4º ano para o 5º sem que saibam ler e escrever. E fazem assim para não entristecer o parente, apesar de muitas vezes não possuírem um bom desenvolvimento da leitura e escrita portuguesa para trabalharem com os educandos.

Portanto, é de grande importância que o professor saiba trabalhar cada aluno, visando o seu entendimento sobre a leitura e a escrita. Poderá trabalhar, dependendo da necessidade do aluno, de forma específica, cada problema em pequenos intervalos dedicados a tais necessidades. Isso irá facilitar a compreensão do aluno sobre suas dificuldades. Para isso o educador poderá criar seus próprios métodos que achar necessário.

2.4 CONTRIBUIÇÕES DOS PAIS PARA A EDUCAÇÃO DA CRIANÇA

O desenvolvimento dos alunos com perfeição depende de muitos fatores importantes, alguns deles é o seu bem-estar emocional, a atenção do professor e o método adequado de ensino para aquele educando que se encontra em determinada situação. Décadas mais tarde, outro requisito importante para os alunos foi integrado na escola, que é a presença dos pais. Estes devem estar presentes na escola e apoiar seus filhos em casa no assunto de suas tarefas escolares.

O apoio dos pais às crianças facilita o relacionamento destas com os professores tanto no sentido de diálogo com no sentido da aprendizagem. Pois as crianças por terem um relacionamento de interação com os pais, terão uma boa desenvoltura no que se refere ao interagir com os colegas de classe e da escola em geral.

Os pais precisam ter um sentimento de preocupação com as crianças, precisam analisar o andamento escolar de seus filhos. Isso servirá para que saibam como os seus filhos estão se comportando em sala de aula, e como estão as notas e o aprendizado desses alunos. Dessa maneira os pais poderão acompanhar os seus filhos nas suas atividades de casa, e lhes auxiliarem quando surgirem dificuldades.

A autora Ferrari (2020), apoia que o ingresso na escola não significa que as tarefas educativas tenham sido transferidas dos pais para a instituição. A participação dos pais na escola se faz sempre necessária.

Muitos pais procuram boas escolas para seus filhos, principalmente as que têm mais popularidade e as quais tenham boa fama de ensino de qualidade. Do mesmo modo, as escolas cobram dos pais a participação e a atenção aos seus filhos, para que o ensino da criança seja facilitado. Para esse fim, a escola trabalha métodos para aproximar os pais que não estão presentes na vida escolar do aluno.

A interação entre pais e filhos, no que diz respeito a educação, devem ser centradas em conversas sobre coisas que acontecem na vida, como o bullying, práticas de carinho, ler livros juntos e discutir sobre a compreensão da leitura feita. Também podem ser utilizados estudos de dicionários, para aumentar o conhecimento sobre o significado e sinônimo de palavras. Tudo isso facilitará o desenvolvimento do aluno.

A família deverá estimular as crianças ao estudo, quando estiverem de folga em casa, reservando alguns minutos para isso. A leitura é a mais importante no tocante a alfabetização, o que de certa forma desenvolverá a criança em escrever de maneira correta. Outro assunto digno de atenção é a ideia de que os pais necessitam conhecer o progresso escolar de seus filhos, para que possam ajudá-los quando estiverem em casa. Pois ao auxiliarem as crianças, melhores serão os resultados.

Os pais podem dificultar o aprendizado dos alunos na escola. Claro que, o professor deve ser competente pelo menos no nível básico para desenvolver o conhecimento da criança. Contudo, a família do aluno também pode contribuir para o fracasso escolar do aluno. As brigas entre os casais podem, se vista e vivenciada pela criança, ocasionar a falta de concentração desta em sala de aula.

Segundo Ferreira (2019), menciona que a demonstração de interesse pela vida escolar dos filhos é parte fundamental em seu processo de aprendizagem. Ao perceber que pais e família se interessam por seus estudos e por suas experiências escolares a criança se sente valorizada, desenvolvendo-se de forma segura e com bom auto estima. Quando a criança entra na escola traz consigo experiências adquiridas no convívio com meios anteriores o que lhe permitirá formar uma determinada visão sobre si mesma.

Muitos alunos têm dificuldades em uma determinada matéria ou disciplina, e facilidade em outras. Nesse sentido, os professores poderiam por exemplo, ao perceberem a dificuldade do educando, orientar os pais de uma forma mais específica, para auxiliarem os seus filhos em casa, naquele determinado problema. O professor que reprova um aluno perante seus pais em relação ao aprendizado, mas não cita as barreiras que aquele aluno enfrenta não socorrerá em nada, além de molestá-lo.

Vale destacar que existem alguns pais que realmente se preocupam com os estudos de seus filhos, mas é conhecido também que nem todos seguem esse exemplar. A respeito disso, faz-se necessário trazer à tona uma ferramenta importante que pode aproximar um pouco mais os pais dos alunos com a escola, que hoje se conhece como "internet". Com os contatos dos pais ou responsáveis dos alunos, pode-se contatá-los por meio do WhatsApp em caso de ocorrências escolares.

A escola também pode aproveitar os eventos e reuniões escolares com a presença dos pais para discutirem os métodos utilizados pela escola no processo de ensino, e mostrar os objetivos destes para os educandos, e explicar a importância da escolarização para a vida dos alunos. Os educandos precisam aprender e se desenvolver para serem bons profissionais, e nessa missão a família pode contribuir para o sucesso de seus filhos.

Como afirma Virginio (2020), é de fundamental importância o envolvimento da família na vida educacional da criança, pois a família é capaz de despertar o real interesse, a curiosidade e a motivação no processo de aprendizagem da criança, tendo em vista que é no seio familiar que a criança dá os seus primeiros passos, ou seja, é no ambiente familiar que acontecem os primeiros aprendizados, hábitos e costumes.

Algumas crianças tendem a se distanciar da vontade de aprender, talvez porque não tiveram incentivo e apoio para se animarem em meio ao processo escolar. Quando essas situações acontecem, é importante que o professor note a falta de interesse da criança, para assim comunicar aos pais desta, para que eles possam auxiliar a criança e reanimá-las.

A família é a primeira escola para as crianças. E a escola cumpre o papel de preparar as crianças para desenvolverem o seu intelectual, e transmitir o conhecimento científico e formalizado. Todavia, cabe aos pais fortalecerem seus

filhos através de elogios, incentivos e apoio aos seus estudos. A escola trabalha para elevar os seus alunos a um nível denominado como o padrão.

Nas escolas podem ocorrer diversos problemas com alunos no que diz respeito ao comportamento. Alguns alunos podem apresentar desleixo ao assunto ministrado, e outros dificuldades, outros podem ser encrenqueiros e barulhentos. Este último ato é o pior, pois traz desordem, medo e falta de concentração do restante da turma.

De acordo Braga (2016), nos diz que é dever dos pais ou responsáveis estabelecer os primeiros limites, os "sins" e "nãos" que a criança deve obedecer. Esse limite não é papel da escola, e sim da família.

Desse modo pode-se perceber, que os pais devem ensinar aos seus filhos o que devem fazer e o que não podem fazer. A família tem o poder de estabelecer regras para seus filhos, mostrando-lhes o significado do respeito e como deverão se portar na sociedade. Na escola, as crianças seguirão o padrão de casa, o qual seus pais antecipadamente lhes instruíram.

A Personalidade das crianças podem ser estruturadas pelos pais. Se a família tem o modo de ensinar diferente do que é formal, respeitoso, decente e humilde, a criança certamente se tornará grosseira. Os pais são o espelho de seus filhos, e estes quando adentrarem na escola executarão suas ações da mesma maneira que culturalmente adquiriram na presença dos pais. De qualquer modo, a escola conta com os pais, para que possam acompanhar seus filhos na escola e nas suas atividades.

Contudo, nem sempre os pais têm a oportunidade de acompanhar seus filhos, pois existem empresas e diversos negócios empregatícios, que muitas das vezes impossibilitam a presença e a participação dos pais com a escola, devido a vida corrida que levam e as exigências do emprego. Muitos dos pais têm uma vida extremamente agitada dependendo do seu emprego, que lhes impede de acompanhar os seus filhos em suas atividades escolares e outras coisas.

Segundo Ferrari (2020), para muitos pais, estar presente tem um significado físico: frequentar o espaço da escola, comparecer às reuniões, eventos e outros compromissos. Para outros, a presença na vida escolar dos filhos implica estabelecer relações com os conteúdos das disciplinas que eles estão aprendendo, ajudando nas tarefas de casa, sugerindo programas culturais, filmes, teatros e música. Todas essas formas de agir engendram a presença dos pais na educação.

O crescimento intelectual depende de cada pessoa, pois o conhecimento é adquirido através da prática de estudo. Ao usar os momentos de folga para estudar uma matéria de estudo, a criança certamente terá ótimos resultados na escola. É importante que os pais tenham gosto pela leitura e também incentivar seus filhos para que leem. O uso de jogos educacionais visando o aperfeiçoamento da alfabetização do aluno é uma ferramenta estratégica para estimular as crianças.

A prática dedicada ao estudo leva aos estudantes um final brilhante, tendo ótimos resultados nas provas e exercícios escolares. Quanto mais horas de estudos melhor será o desenvolvimento escolar. Por isso é importante que os pais estejam atentos às horas de lazer de seus filhos, para orientá-los nesse momento de desocupação a fazerem a leitura de um livro, de poemas, músicas e de dicionários para conhecerem os sinônimos e significados das palavras.

Portanto, é fundamental que a família esteja sempre participando no ato de reservar um momento de estudo para as crianças, fazendo com que elas compreendam que se aprende não somente em salas de aulas, mas também em casa nas horas de lazer. Seguindo esse raciocínio, certamente que os resultados em sala de aula serão satisfatórios. Mas para isso, é preciso que os pais mantenham esses horários de estudos dia após dia, sem exagerar, e zelar pelo sono da criança para sua saúde.

3. DESAFIOS DA LEITURA E ESCRITA EM LÍNGUA PORTUGUESA VIVENCIADA POR ALUNOS INDÍGENAS NAS SÉRIES INICIAIS: ANÁLISE DA ESCOLA INDÍGENA “EMEIF JULIANO KIRIXI” EM JACAREACANGA – PARÁ

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

A Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Juliano Kirixi, está vinculada ao Município de Jacareacanga/PA, situado na Aldeia Karapanatuba a margem direita do Rio Tapajós. O prédio atual é datado sua inauguração do dia 10 de dezembro de 2014. O educandário tem seu funcionamento nos turnos Matutino, Vespertino e Noturno. A estrutura física é em alvenaria. E esse ano para atender a demanda do número de turmas foi feita algumas mudanças em relação ao ano passado.

Normalmente a escola dispõe de sete (7) salas de aulas, sendo que a de Artes Indígenas, esse ano letivo juntou-se a biblioteca para melhor utilização do espaço escolar. A referida escola dispõe de um refeitório o qual está sendo utilizado como sala de aula para turma do PRÉ I, devido o número de turmas terem aumentado esse ano de 2020. A escola compõe uma sala de professores, uma diretoria, uma cozinha, três banheiros sendo que um é para uso dos funcionários da escola e dois para os alunos.

No interior da escola encontra-se um espaço amplo e um pátio que fica à disposição das atividades para os alunados. As salas de aulas são espaçosas, pintura e pisos bem conservados. A instituição de ensino apresenta uma estrutura boa, para proporcionar aos educandos um ambiente mais prazeroso.

A faixa etária atendida é de 05 a 50 anos. Número de alunos 230; A escola detém 26 funcionários distribuídos em: uma diretora, uma técnica pedagógica, 18 professores, um auxiliar administrativo, um vigia, uma merendeira, duas serventes e um auxiliar de serviços gerais.

A escola organiza reuniões sempre que necessário, não somente com os funcionários da mencionada, mas também com a comunidade onde a mesma está inserida. A direção da escola é indicativa, e atualmente tem como diretora a professora Marli Teixeira Ribas, na coordenação pedagógica a professora Hellen Sabrina Sousa Nunes. A escola tem por rotina horária de ingresso e saída de alunos, sendo que no turno da manhã inicia as 08:00 às 12:00, no turno da tarde das

13:30 às 18:15, no horário da noite 19:30 as 22:15 com intervalo de recreação de 15 minutos nos turnos.

3.2 PERFIS DOS ENTREVISTADOS

Esta pesquisa teve como participantes quatro (4) professores indígenas, da EMEIF Juliano Kirixi, os quais cooperaram de forma significativa para a coleta de dados, que são essenciais para o desenvolvimento desta monografia. Vale destacar que todos os professores são moradores da aldeia Karapanātuba, onde foi realizado este estudo. A seguir será detalhado o status de cada um desses professores, com exceção aos seus nomes, para que sua identidade seja ocultada, entretanto se utilizará da sigla (p1) ao (p4), que significará (professor 1) e assim por diante.

Todos os professores analisados são do sexo masculino, e agora será detalhado os seus perfis com mais informações. O p1 informou ter 35 anos, não tem formação e está cursando História. Trabalha há nove 9 anos na escola de sua comunidade, e nunca trabalhou em outra instituição. O p2, têm 24 anos, três anos de serviço na escola, é formado em Pedagogia e nunca trabalhou em outra instituição.

O professor 3, disse ter 26 anos e é formado em Ciências da Natureza e Matemática. Há dois anos trabalha na escola de sua aldeia, e nunca ministrou aulas em outra escola. Por último, o p4 descreveu ter 27 anos, não tem formação e está cursando Pedagogia. Já faz quatro anos que trabalha na escola atual, e destacou ainda que trabalhou em outra instituição, chamada Akay Apompo.

3.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho será desenvolvido a partir da pesquisa bibliográfica de autores que pesquisaram a respeito da alfabetização em especial sobre a importância da leitura e escrita. De acordo com (SANTOS, 2018), com uma pesquisa bibliográfica aprofundada, pode-se obter uma ampla visão sobre o assunto e um ponto de partida baseado em fatos. Isso porque, através desse estudo, é possível conhecer o que já foi publicado sobre o assunto. Dessa maneira a abordagem será em forma qualitativa, pois percorre em favor do bom desenvolvimento da educação.

A forma como se coletará dados para essa pesquisa será por meio de questionários que se aplicará aos professores. Os questionários terão oito (8) perguntas que centralizarão a pesquisa, nas quais se poderão identificar de forma geral todas as carências e necessidades dos alunos e da escola em geral. No campo da pesquisa será distribuído questionários para quatro (4) professores, para a partir das coletas destes professores identificar-se as situações que colocam os alunos em desvantagem no processo da alfabetização da língua portuguesa.

A pesquisa será desenvolvida na EMEIF Juliano Kirixi, localizada na aldeia Carapanãtuba da cidade de Jacareacanga-Pará, e para este destino foi utilizado transporte via fluvial, a saber, um motor rabeta 10 a diesel. No mês de outubro de 2020 aplicou-se os questionários para os professores indígenas, e no mesmo mês recebeu-se os dados coletados.

3.4 ANÁLISES DOS DADOS COM OS PROFESSORES

Com objetivo de colher dados para entender os reais obstáculos da dificuldade de leitura e escrita dos alunos nas séries iniciais, foram realizadas investigações sobre esse assunto por meio de questionários contendo oito perguntas, que será iniciada a partir do (quadro 1.), ao (quadro 8.), os quais representam as questões, que serão apresentados mais adiante com suas respectivas respostas.

A realidade vivenciada pelos professores configura-se uma forte fonte de conhecimento a respeito da prática de ensino da Língua Portuguesa. Certamente, tal pesquisa não é suficiente para que cheguemos a qualquer conclusão sobre o ensino de língua de maneira mais contundente, mas será utilizada como um orientador para que possamos direcionar nosso trabalho de ensino de Língua Portuguesa nas escolas indígenas,

É importante ressaltar, que as respostas estão inseridas de acordo com a escrita original dos participantes, sem alterações, e por isso ocorrerem incoerências com a gramática. E por conta da natureza científica, as respostas estão sendo catalogadas e evidenciadas da maneira como foram produzidas. Todos os participantes foram informados de que deveriam preencher o formulário de acordo com a realidade das aulas de língua portuguesa da escola, mencionando suas vivências e opiniões acerca da realidade vivenciada.

Quadro 1. Quais são os desafios do professor em relação à escrita e leitura da língua portuguesa de alunos indígenas nos anos iniciais? **Fonte:** Professores da escola indígena “EMEIF Juliano Kirixi” em Jacareacanga – Pará/2020.

PROFESSOR (A)	RESPOSTAS
P1	"Nos anos iniciais sempre acontece dificuldade dos alunos principalmente na leitura e menos escrita, mas agente indaga a possibilidade para alcançar os objetivos, porque a relação a leitura realmente desafiante, mas agente sempre alcança os objetivos".
P2	"O professor das séries iniciais durante em sala de aula, mesmo com dificuldade na escrita e na leitura mostrando ser capaz de fazer um bom trabalho para ministrar as suas aula com os alunos indígenas".
P3	"O desafio do professor indígena nos anos iniciais é trabalhar na coordenação motora para identificar as dificuldades dos alunos na escrita e na leitura. O professor indígena trabalha em relação a língua-portuguesa sempre com cantigas de roda através da música os alunos indígenas começam a aprender a algumas palavras em português".
P4	"Desafios da dificuldade do ano faltam os materiais".

Segundo os relatos da primeira pergunta, analisa-se que os professores demonstram terem alguma dificuldade a respeito da leitura e escrita, no entanto, somente três dos quatros professores apontam de forma específica para as suas devidas necessidades para ensinar os alunos. O p1 afirma que: *"sempre acontece dificuldade dos alunos principalmente na leitura e menos escrita"*, porém não faz menção para a sua exata dificuldade de ensiná-los, além disso, ele informa que os alunos têm mais problemas com a escrita do que com a leitura, mas que sempre alcançam seus objetivos.

Já o p2 declara que *"o professor nas séries iniciais mesmo com dificuldade na leitura e escrita dizem esforçar-se para ser capaz de fazer um bom trabalho"*, e nesse caso este professor responde de forma mais exata no esperado pela questão acima. O seguinte p3 concretiza que é necessário *"trabalhar a coordenação motora para identificar as dificuldades dos alunos na escrita e na leitura"*, e ainda destaca que utiliza *"cantigas de roda, para através da música ensinar o português para os alunos"*, esta última ideia, é bem interessante, pois melhora a oralidade em português. A última resposta do p4, é que *"faltam os materiais pedagógicos para a escola"*.

O primeiro professor não dispõe precisamente em que consiste sua dificuldade ou desafio em instruir os alunos. Além disso, ele menciona que os alunos têm dificuldades em leitura e escrita, mas não chama a atenção para si mesmo. No

entanto, o segundo professor coopera com a pergunta de forma mais específica, e declara que o professor indígena tem dificuldade na leitura e na escrita, mas usa esforços para desempenhar um bom trabalho. O terceiro professor relaciona a questão da coordenação motora, porém, a questão da escrita e leitura nessa questão, está atrelada ao modo de ensino dos docentes, mas adiante ele menciona a música para ensinar o português, o que é uma ação aceita e sábia.

Percebe-se com essa primeira questão, que os professores responderam de formas diferentes, o que nos mostra de certa forma a falta de adequação de alguns professores a respeito da pergunta, com exceção do p2, que afirmou ter dificuldades na leitura e na escrita, necessitando assim de auxílios pedagógicos e técnicos. Afinal, os desafios dos professores podem ser superados através da ajuda dos técnicos educacionais e de materiais de instrução pedagógico.

De acordo com a autora Pascoal (2013), na escola, o orientador educacional, ao lado do professor, zela pelo processo de aprendizagem e formação dos estudantes por meio do auxílio ao docente na compreensão dos comportamentos das crianças e ajuda o professor a agir de maneira adequada em relação a elas.

Nesse sentido, compreende-se que os técnicos educacionais podem proporcionar um melhor entendimento dos professores em relação aos seus alunos, podendo assim conduzir uma aula que esteja em condições de facilitar a compreensão dos estudantes. O professor ao obter apoio em sua função pedagógica, poderá se sentir mais seguro e consciente do que está realizando na escola.

As escolas indígenas enfrentam diversos problemas no que tange a educação. Um dos problemas, é que em algumas ou na metade das escolas indígenas, não se destaca a presença de técnicos educacionais. Outro problema, é a distância das aldeias polos para as aldeias de sua região, e os técnicos dessas aldeias não podem estar presentes em todas elas. Isso acarreta, dificuldades do desenvolvimento educacional nas demais aldeias que não possuem um auxiliador pedagógico.

Em grande parte dessas escolas, o ensino de língua portuguesa ainda está preso ao ensino da gramática, totalmente descontextualizado e difícil de ser entendido pelos alunos, que decoram nomes e regras sem saber onde, como e quando utilizá-los.

Quadro 2. A escola indígena proporciona materiais ou recursos didáticos pedagógicos para o ensino da leitura e escrita? Comente. **Fonte:** Professores da escola indígena “EMEIF Juliano Kirixi” em Jacareacanga – Pará/2020.

PROFESSOR(A)	RESPOSTAS
P1	"Sim. Nós professores indígenas sempre proporciona e cria materiais pedagógicos para facilitar processo desenvolvimento de aprendizagem dos alunos".
P2	"A escola indígena proporciona materiais didáticos sim, como os próprios materiais pedagógicos, com a utilização dos dos sementes de qualquer planta, como caroço de açaí, o proprio material que temos para o ensino da leitura para que os alunos aprendam da melhor forma possível".
P3	"Na escola indígena os materiais ou recursos didáticos pedagógicos são proporcionados de várias maneiras como leitura de textos e interpretação de textos para desenvolver as habilidades dos alunos e também são trabalhados jogos pedagógicos na sala de leitura para facilitar o aprendizado dos alunos, são trabalhados pelos próprios professores da sala de leitura".
P4	"Sim cartolina para sílabas na alfabetização mais faltam livros de literatura e forma de letras para criança desenhar no caderno".

As respostas obtidas nessa questão, podem ser interpretadas de várias formas pelos professores indígenas. O que de certo modo nos mostra que alguns professores não compreenderam bem o sentido da pergunta, e, se compreenderam, não tiveram argumentos que justificassem tais métodos questionados. O p1 diz: "*Nós professores indígenas sempre proporciona e cria materiais pedagógicos...*", porém não identifica ao certo os materiais que cria, para desenvolver seu trabalho escolar.

Na expressão do segundo professor, nota-se concordância com a resposta do p1, com exceção de que o p2 especifica de forma mais clara o que a escola proporciona para a leitura e escrita, em afirmar: "... sim, como os próprios materiais pedagógicos, com a utilização dos sementes de qualquer planta, como caroço de açaí, o próprio material que temos para o ensino da leitura". Contudo, essa resposta não se adéqua ao necessário para o ensino da leitura e escrita, uma vez que para se ensinar a ler e escrever, existem meios específicos e um deles é a utilização de cartazes, de livros de literatura e fôrmas de letras, não necessitando de caroços ou sementes.

Na terceira resposta obtém-se um resultado mais próximo da necessidade dos alunos indígenas, referente a leitura e escrita, quando o p3 comenta dizendo: "Na escola indígena os materiais ou recursos didáticos pedagógicos são proporcionados de várias maneiras como leitura de textos e interpretação de textos para desenvolver as habilidades dos alunos e também são trabalhados jogos pedagógicos na sala de leitura...", o que é de grande importância para a aquisição dos alunos sobre a leitura.

Por último o p4 destaca que faltam livros de literatura e fôrma de letras para as crianças desenharem no caderno, embora haja cartolinas para produzir as sílabas.

No entanto, o real sentido, é saber se a escola em geral junto com a Secretaria de Educação e Desporto proporcionam efetivamente material pedagógico e recursos didáticos para os professores desenvolverem melhor sua função. A escola necessita de materiais didáticos para que seus professores possam estar seguros do que devem utilizar para o aprendizado de seus alunos.

De acordo com Qual... (2020), toda instituição de ensino, ao elaborar seu plano pedagógico, deve ter um material didático para guiar o processo de alfabetização e de aprendizagem de seus alunos. Por isso, a escolha de um material de qualidade é uma tarefa extremamente significativa, delicada e necessária na sua escola.

Lógica essa que nos mostra o quanto é importante para as escolas indígenas selecionarem o seu material didático com cuidado. Pois o material didático deve estar de acordo com as necessidades dos alunos. A condução do aluno durante a alfabetização é uma grande responsabilidade, e o professor indígena precisa estar preparado para alfabetizar dentro dos padrões necessários.

Assim sendo, é necessário garantir que as escolas indígenas possuam seus materiais didáticos, o que é imprescindível para o sucesso dos alunos, porquanto ajudará os professores que se guiarão por esses materiais. Os materiais didáticos conduzirão os professores para que estes não se desviem do objetivo educacional e não fiquem perdidos sem saber por onde começar.

Quadro 3. Quais metodologias são utilizadas pelos docentes para as aulas de leitura e escrita na escola indígena? **Fonte:** Professores da escola indígena “EMEIF Juliano Kirixi” em Jacareacanga – Pará/2020.

PROFESSOR(A)	RESPOSTAS
P1	"Nosso metodologia sempre começo a partir da para nós é assim melhor forma de ensinar os alunos e depois utilizamos as praticas aquele que nós estudamos na teoria, isso nós utilizamos para facilitar aprendizagem dos alunos".
P2	"As metodologias são utilizadas através da utilização dos recursos lúdicos como jogos de letras, jogos de silabas, leitura de silabas, contagem dos sementes, contação de História, roda de conversa, oração, assim que as crianças vão aprendendo de tudo jeito".
P3	"As metodologias são utilizadas pelos docentes de acordo com as dificuldades dos alunos indígenas na escrita e na leitura com pequenos textos ou conhecer famílias silábicas para saber se o aluno conhece todas as famílias silábicas envolvendo a oralidade interpretação de textos, leitura de textos seja ela em grupo ou individual".
P4	"Cartolina metodologias para escrever o alfabeto e para silabas e palavras e frases e a escrita de textos retirados dos livros, e só letras as silabas no quadro".

Com base nas respostas dos professores, nota-se que alguns professores se utilizam de recursos importantes para a alfabetização. Apenas um dos professores não responde à pergunta com exatidão, a saber, o p1, quando cita: *"Nosso metodologia sempre começo a partir da para nós é assim melhor forma de ensinar os alunos e depois utilizamos as praticas aquele que nós estudamos na teoria, ..."*, não identificando assim a metodologia que usa no seu trabalho. Deixando dessa forma a sua resposta sem sentido e vaga, uma vez que a questão procura obter uma metodologia específica e concreta.

Nas outras respostas dos professores, analisa-se uma coerência entre elas, pois se direcionam a um objetivo em comum entre eles. O p2 declara que usa metodologias como: *"jogos de letras, jogos de sílabas, leitura de sílabas, contagem dos sementes, contação de História, roda de conversa"*, o que em realidade é proveitoso para o ensino da leitura e escrita em português, exceto a "contagem das semente", mas os outros métodos podem ser usados no contexto do português.

Em outra resposta, o p3 comenta da seguinte forma: *"As metodologias são utilizadas pelos docentes de acordo com as dificuldades dos alunos indígenas na escrita e na leitura com pequenos textos ou conhecer famílias silábicas para saber se o aluno conhece todas as famílias silábicas..."*, o que nos traz algumas questões intrigantes, pois se o professor age seguindo os padrões de ensino adequado, por que existem evidências de que os alunos têm graves dificuldades na leitura e escrita? O problema pode estar no modo como os professores conduzem o ensino.

Na última questão o p4 destacou que usa *"Cartolina metodologias para escrever o alfabeto e para sílabas e palavras e frases..."* dando-nos a perceber que três quartos dos professores responderam utilizar metodologias referentes a alfabetização. Porém para que as metodologias surtam efeito é preciso que o professor saiba a maneira mais adequada para trabalhá-las. É necessário estar atento à realidade do aluno, e tomar medidas intensivas para ajudá-lo.

Conforme Altrão; Egeslaine (2016) *apud* Freire (1996), o processo de ensino e aprendizagem nas escolas de Educação Básica necessita de um olhar diferenciado, isso significa dizer que a prática pedagógica carece de planejamento diário. Todavia, somente o planejar a partir da realidade sociocultural dos alunos poderá desencadear metodologias de ensino que estejam vinculadas a esse contexto. A práxis educativa pode nesse sentido, transformar o ensinar e aprender real, concreto, significativo, tanto para quem aprende quanto para quem ensina.

Muitos professores indígenas seguem a instrução pedagógica para ensinar os alunos, contudo, o ensinar não depende somente de seguir uma regra ou um processo sequencial de alfabetização. O professor precisa identificar se realmente o aluno está aprendendo. Seguir normas é uma coisa, saber ensinar os alunos é outra. Os professores em suas respostas na maioria disseram usar métodos para a alfabetização, apesar disso, percebe-se dificuldades de alunos no sexto ano.

Por isso, é fundamental preocupar-se não somente em seguir os métodos de ensino, propostos pela instrução pedagógica. Deve-se analisar o desenvolvimento do progresso educacional dos alunos em questão de aquisição de conhecimentos. Faz-se necessário que o professor tenha o prazer de perceber que o aluno está aprendendo, e não apenas se limitar em repassar conteúdo sem objetivo e significado. Apenas cumprir sua tarefa não quer dizer que foi tudo bem, é importante que perceba a necessidade do aluno em seu contexto social e concentrar o ensino.

Quadro 4. Os alunos são estimulados a praticarem a leitura do idioma português? Fale sobre. **Fonte:** Professores da escola indígena “EMEIF Juliano Kirixi” em Jacareacanga – Pará/2020.

PROFESSOR(A)	RESPOSTAS
P1	"Sim, isso é mais importante a incentivar e alcançar os objetivos, a partir das figuras e interpretação de palavras. As figuras e escrita melhor forma de ensinar os alunos".
P2	"Sim! os alunos mais estimulados na prática da leitura como a alfabetização de letramento. percebe que os alunos estão praticando muito bem, por que o projeto ajuda muito a praticar na leitura para aquela criança com mais dificuldade no processo de aprendizagem".
P3	"Alguns alunos praticam a leitura do idioma português mas porém foram alfabetizados na primeira língua que é mundurucu, por isso algumas vezes os alunos tem bastante dificuldade a fala o português corretamente. São estimulados por que o professor trabalha com dois idiomas justamente para que o aluno aprendam o português".
P4	Nós trabalhamos língua materna a língua portuguesa, mais as vezes no tempo e pouco dedicado a disciplina da língua portugueses.

Diante das respostas obtidas, observou-se que os três primeiros professores afirmaram estimular os seus alunos a praticarem a leitura em língua portuguesa, e o p4, determinou que trabalham as duas línguas, a materna e a portuguesa. E ainda destaca que: *"mais as vezes no tempo e pouco dedicado a disciplina da lingua portugueses"*, demonstrando que a necessidade de intensificar mais o ensino nessa área, nessa disciplina. Como diz o ditado: *"a prática leva a perfeição"*.

Para responder à pergunta, o p3 esclarece que: *"Alguns alunos praticam a leitura do idioma português mas porém foram alfabetizados na primeira língua que é mundurucu, por isso algumas vezes os alunos tem bastante dificuldade a fala o*

português corretamente". Nesse sentido, encontra-se nesta resposta uma contradição para justificar a dificuldade da leitura dos alunos. Afinal, na escola indígena, a criança é alfabetizada de forma bilíngue, ou seja, alfabetiza-se em munduruku e em português. Nessa lógica, a criança deveria aprender a ler e falar português sem tantas dificuldades.

Encontra-se também, na fala do p2, que se utiliza como meio de estímulo à leitura do português, a "*alfabetização de letramento*", o que de fato é de suma importância para o desenvolvimento do aluno. Já o p1, menciona algo diferente, dizendo que estimula e utiliza as figuras e interpretação de textos, para melhorar o ensino escolar. A ideia de estimular a criança indígena para praticar a leitura e escrita do português, é no sentido de autonomia e domínio, para utilizá-la de acordo com suas futuras necessidades no meio social.

Para a autora Tavares (2016) *apud* Brasil (1998), aprender e saber usar a Língua Portuguesa na escola é um dos meios de que as sociedades indígenas dispõem para interpretar e compreender as bases legais que orientam a vida no país, sobretudo aquelas que dizem respeito aos direitos dos povos indígenas. Todos os documentos que regulam a vida da sociedade brasileira são escritos em português: as leis, os regulamentos, os documentos pessoais, os contratos, os títulos, os registros e os estatutos.

Levando em conta a ideia da autora, entende-se que, a língua portuguesa é a chave para que os indígenas abram a porta do conhecimento, no que se refere às informações que estão expressadas em português. Com isso é de grande importância, que os professores incentivem e estimulem de forma intensiva a prática da leitura e escrita em português. Não adiante somente repassar os conteúdos, como se estivesse facilitando, é preciso conversar, explicar a situação e a necessidade desse desenvolvimento.

A língua portuguesa pode oportunizar sucessos aos alunos indígenas em outras áreas, além do conhecimento dos estatutos, leis e direitos, que é a oportunidade de ingressar em um concurso público e ser aprovado. Poderá também por meio desse domínio, se tornar advogado, ir bem na prova de direito, publicar artigos, livros, ser compositor ou cantor, mas para isso faz-se necessário que o indígena domine a escrita e leitura padrão do português.

Quadro 5. Existe Técnico Educacional e formação continuada para esses profissionais da educação serem direcionados e auxiliados? **Fonte:** Professores da escola indígena “EMEIF Juliano Kirixi” em Jacareacanga – Pará/2020.

PROFESSOR(A)	RESPOSTAS
P1	"Há três anos somos acompanhados pelo técnico educacional, ante enfrentamos maior dificuldade por falta do técnico, hoje em dia temos técnico para orientar e aconselhar".
P2	"Sim! A técnica pedagógica, muitas das vezes dando um auxílio para o professor quando é necessário, durante no planejamento".
P3	"Sim! a escola tem técnica pedagógica para auxiliar os professores no preenchimento dos diários para facilita os trabalhos durante o ano letivo na escola indígena e também realiza os relatórios de dada turma na escola".
P4	"Sim temos técnica educacional mas não temos formação continuada".

Considerando as respostas dos professores indígenas, percebe-se que a escola Juliano Kirixi é atualmente atendida por técnicos educacionais. Entretanto, a escola Juliano Kirixi, é uma escola localizada em uma aldeia polo, e somente as aldeias polos se beneficiam de técnicos para instrução pedagógica. As demais aldeias circunvizinhas geralmente não detêm esse profissional, necessitando esperar pela visita do técnico que fica na aldeia polo. Dessa maneira, algumas escolas muitas das vezes, ficam o ano todo sem a visita deste profissional por conta da distância e condições de acesso à essas aldeias.

Nas respostas acima pode-se evidenciar alguns detalhes importantes sobre a importância do técnico para esses professores. O p1 responde informando que: *"Há três anos somos acompanhados pelo tecnico educacional, ante enfrentamos maior dificuldade por falta do técnico"*, entendendo-se com isso que os professores se sentem melhor aparados com a presença de um técnico. O p2 também contribui expressando que o técnico auxilia no planejamento do professor quando necessário.

O terceiro professor ao responder cita que a escola tem técnico para: *"auxiliar os professores no preenchimento dos diários para facilita os trabalhos durante o ano letivo"*, mostrando que os professores têm dificuldades até mesmo com funções simples incluídas no seu trabalho. Por último, o p4 destaca que tem técnico na escola mais não há formação continuada para os professores. Vale ressaltar que a formação continuada qualifica e atualiza o professor, para que este possa atuar de modo eficiente no ensino dos alunos.

Desta forma a autora Rodrigues (2020), destaca que, um dos objetivos da formação continuada é provocar, no docente, um desenvolvimento de habilidades para melhorar o processo de ensino-aprendizagem que ocorre dentro da instituição de ensino a cada dia.

Em relação às afirmativas da autora, confirma-se que a formação continuada para professores, é um meio essencial para o bom desenvolvimento do ensino educacional. Os professores ao responderem sobre a questão acima, declararam que o técnico é de grande utilidade para eles, conforme os detalhes que deram ao serem auxiliados. De qualquer forma, sabe-se que nem todos os assuntos pedagógicos poderão ser solucionados pelos técnicos.

Na sala de aula, em todo o tempo surgem novos desafios, que precisam ser superados pelos professores. Para isso, devem estar preparados, já que nesse exato momento, não poderão contar com o apoio do técnico. É um momento em que o professor deve encontrar um modo para resolver o conflito ou situação surgida. Nesse caso, o professor precisa estar apto para o ensino, e a formação continuada de professores serve para esse fim.

Quadro 6. Qual a importância do domínio da escrita e leitura da disciplina de português para os indígenas? **Fonte:** Professores da escola indígena “EMEIF Juliano Kirixi” em Jacareacanga – Pará/2020.

PROFESSOR(A)	RESPOSTAS
P1	"A importância do domínio da escrita e leitura para que os alunos tenham a capacidade de escrever e ler de maneira certa".
P2	"É importante que as crianças saibam ler e escrever, em disciplina de português, por que nele o aluno já começando aprender a falar português".
P3	"A importância do domínio dos alunos indígenas em relação a escrita e na leitura da disciplina de português é a leitura de pequenos textos isso ajuda muito o aluno a dominar o português pois o aluno se concentra mais na aula e na oralidade".
P4	"A importância prepara o aluno para ler, e dominar o português".

Ao analisar-se as falas dos professores neste quadro acima, nota-se que existem algumas desordens de resposta acerca da questão. Apenas um dos quatro professores pôde trazer uma resposta mais aproximada da realidade da pergunta. O p1, concretizou que: *"A importância do domínio da escrita e leitura para que os alunos tenham a capacidade de escrever e ler de maneira certa"*. Essa resposta se encaixa perfeitamente no sentido de percebermos a importância do português para os indígenas, embora haja outros benefícios não destacados nessa resposta.

Nas outras respostas, verificar-se uma inconexão com a realidade, no caso do p2, ele comenta dizendo: *"É importante que as crianças saibam ler e escrever, em disciplina de português, por que nele o aluno já começando aprender a falar português"*. Nesse sentido, percebe-se que o professor não conseguiu assimilar a pergunta feita, dando assim uma resposta sem sentido, sem concretização.

No comentário do terceiro professor, identifica-se uma resposta com restrição no que diz respeito a importância da leitura quando diz: *"A importância do domínio dos alunos indígenas em relação a escrita e na leitura da disciplina de português é a leitura de pequenos textos"...*, o que torna o português insignificante, em termo dessa restrição de importância, visto que existe uma área ampla referente ao seu valor, que poderia ser exposta pelo professor.

Para Souza; Bruno (2017), assim como no iluminismo, na educação para o indígena, ainda acredita-se que o aluno que não consegue ler e escrever, conforme os padrões e modelos estabelecidos pela escola não indígena, não é capaz de se desenvolver, de ter sucesso, de alcançar ou dar à sua comunidade o progresso esperado.

Relacionando-se com a fala da autora, é interessante que as secretarias de educação da área indígena, tenham um olhar mais cuidadoso com a educação indígena. Criando métodos que venham atualizar os professores indígenas no contexto educacional, preocupando-se sempre com a leitura e escrita dos alunos referente à língua portuguesa.

A educação é um direito de todos, e os alunos indígenas estão incluídos nesse direito. A educação de qualidade deve ser oferecida para todos os brasileiros. Se os padrões educacionais de sucesso estão focados no domínio da língua portuguesa para os indígenas, que de fato é uma realidade, cabe aos Estados e secretarias fornecer apoio aos professores, para que estes alcancem os objetivos escolares.

Quadro 7. Você já utilizou estratégias diferenciadas para a aprendizagem dos alunos? Justifique sua resposta. **Fonte:** Professores da escola indígena "EMEIF Juliano Kirixi" em Jacareacanga – Pará/2020.

PROFESSOR(A)	RESPOSTAS
P1	"Sim, trabalhei diversas vezes, porque isso é melhor forma de ensinar, aprender e desenvolver habilidade dos alunos".
P2	"Sim! as estratégias diferenciadas que nos utilizamos para o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos em sala de aula é colocando cada aluno em prática de saber dos antigos conhecimentos das histórias do ancestrais".
P3	"Sim! foi a plantação de algumas vegetais da cultura mundurucu, desde pequeno a criança indígena era aprende com os pais e onde ele aprende várias disciplinas como Matemática, História, ciências enfim várias, isso é muito importante para a criança indígena onde ele já tem noção como aprende e também durante na aula já trabalhamos".
P4	"Sim para desenvolver o ensino dos alunos como alfabetização e leitura".

A questão acima procura saber quais metodologias ou estratégias são utilizadas para o ensino da leitura e escrita, em especial da língua portuguesa. No entanto, as respostas obtidas não são convencionais no que tange ao requerido. Todos os professores parecem não ter compreendido bem o contexto da questão, e para demonstrar isso, suas respostas serão comentadas logo abaixo:

O primeiro professor responde que: "*Sim, trabalhei diversas vezes, porque isso é melhor forma de ensinar...*", porém não identifica de forma específica o tipo de metodologia que utiliza. Em outro caso, o p2 coopera afirmando que sua estratégia "*é colocando cada aluno em prática de saber dos antigos conhecimentos das histórias do ancestrais*". Como percebe-se, a estratégia utilizada nessa segunda resposta não satisfaz a necessidade no que diz respeito a leitura e escrita.

O contexto da escrita e leitura tampouco é satisfeita com a resposta do p3, que fugiu totalmente do assunto, mostrando que sua estratégia foi a ... *plantação de algumas vegetais da cultura mundurucu, desde pequeno a criança indígena era aprende com os pais e onde ele aprende várias disciplinas como Matemática, História, ciências enfim várias, ...* o que na verdade não demonstrar nenhum nexo com o ensino da língua portuguesa conforme a adequação.

A última resposta do quadro 7 também não caracterizou a sua estratégia utilizada, apenas afirmando que já usou. Enfim sabe-se que as estratégias precisam ser desenvolvidas pelos professores, com o objetivo de solucionar os problemas encontrados nos alunos. Mas é importante que o professor saiba qual estratégia deve ser implementada para tal situação, caso contrário, não surtirá nenhum progresso da aprendizagem dos alunos.

Conforme a autora Oliveira (2014), é necessária que haja uma reorganização para atender os alunos disponibilizando uma aprendizagem diferenciada que respeite o ritmo de cada um. Cada criança aprende de modo diferente, necessitando de estratégias particularizadas a fim de que sua aprendizagem ocorra de forma satisfatória.

Sendo assim, entende-se que a escola deve estar preparada, para oportunizar o pleno desenvolvimento dos alunos. Os professores por meio de estratégias bem definidas e específicas para o ensino da leitura e escrita portuguesa, poderão acelerar o desenvolvimento do aluno nessa área.

Nas escolas indígenas, muitos alunos indígenas aprendem de forma diferente um do outro, pois a escola funciona no modo multisseria. Com essa característica, o

professor deverá adotar estratégias variadas e diferentes, para atender a cada aluno de maneira adequada. No que diz respeito a disciplina de português, o professor deve atentar para os variados graus e necessidades de cada aluno, para adequar suas estratégias pedagógicas para cada um.

Quadro 8. Do seu ponto de vista, o que precisa mudar nas práticas pedagógicas dos professores para a aprendizagem do aluno? **Fonte:** Professores da escola indígena “EMEIF Juliano Kirixi” em Jacareacanga – Pará/2020.

PROFESSOR(A)	RESPOSTAS
P1	"No meu ponto de vista nós professores precisa buscar mais conhecimento, criar mais materiais pedagogicos , intencionar mais para alcançar os objetivos juntamente com o tecnico educacional para que tenha a capacidade dos professores para o ensino de aprendizagem".
P2	"No meu ponto é levar os alunos para o plantio das roças e pesca, para que as crianças conheçam o que as pessoas fazem na aldeia".
P3	"Do meu ponto de vista as práticas pedagógicas dos professores seria de acordo com a cultura e na realidade dos alunos para desenvolve numa escola assim se tornaria mais facil a sua aprendizagem. mais embora que precisa aprender novas coisas que agrada o aluno, com outros recursos".
P4	"No meu ponto de vista é ensinar o alfabetização para alunos".

É importante compreender que a escola indígena deve ser diferenciada, em comparação com a escola não indígena, e isso de fato o é, pois, a escola indígena oferece um ensino obrigatório em duas línguas, denominada bilíngue. Contudo, as escolas indígenas também enfrentam complicações no que se refere a uma educação de qualidade. Nesse sentido questiona-se aos professores o que deveria mudar, para que a escola avance no desenvolvimento da língua portuguesa.

As respostas são bastante variadas, e apenas o professor 1 consegue estabelecer uma conexão com a pergunta, admitindo que "... *nós professores precisa buscar mais conhecimento, criar mais materiais pedagogicos , intencionar mais para alcançar os objetivos, ...* o que comprova que alguns professores indígenas são carentes de informações, que muitas das vezes prejudicam a escola e os alunados. Nesse caso, deve haver propostas e intervenção das Secretarias para solucionar, e auxiliar o professor para que ele se desenvolva.

O p2 respondeu que no seu ponto de vista é: "...*levar os alunos para o plantio das roças e pesca, ...*, percebendo-se nesta, nenhum vínculo com a relação de mudança de práticas para o ensino da leitura. O professor 3 afirmou ainda que as práticas pedagógicas dos professores: "*seria de acordo com a cultura e na realidade dos alunos...*", e nessa ideia, pode-se entender que o professor defende sua cultura,

fugindo do sentido entre leitura e escrita portuguesa, mas acaba concluindo " e na realidade dos alunos" expressando com isso a necessidade da língua portuguesa.

O último professor também não deu sentido em sua resposta. Em relação com as respostas obtidas, notou-se que alguns professores não conseguem identificar ou compreender as mudanças das práticas pedagógica, que poderiam alavancar o aprendizado do ensino da leitura e escrita da disciplina de português. Dessa forma, os professores podem ter dificuldades em mostrar aos alunos, uma prática pedagógica que lhes façam entender a importância real da leitura e escrita.

De acordo com a autora Veloso (2017), entende-se que o professor em sua prática deve estar comprometido com a noção de cidadania, e criar possibilidades para o aluno compreender os conteúdos escolares como instrumento para o seu desenvolvimento, por isso se faz necessário adequar os conteúdos às necessidades dos alunos dentro de um contexto histórico, social e cultural específico procurando ressignificar sua prática por meio de mudanças nas atitudes e no modo de pensar, [...].

Considerando essa ideia, compreende-se que é necessário a preocupação do professor com o aluno. Analisar os meios possíveis para fazer com que os alunos percebam o real significado da escola, e além disso, entender como a sociedade se desenvolve. Mas para que o aluno indígena compreenda suas necessidades, é importante que o professor exponha situações sociais, que demandam o conhecimento educacional do aluno.

Nas escolas indígenas, muitos professores indígenas apresentam dificuldades de ministrar suas aulas em língua portuguesa. Entretanto, as Secretarias de educação juntamente com o município e até mesmo o MEC, poderiam interferir com instruções pedagógicas aos professores, afim de que eles aplicassem com mais qualidade o ensino do português. E além disso, ao compreenderem a real importância do português, poderão estar mais atentos ao ensino desta disciplina. Mas para isso, faz-se necessário, uma instrução intensiva a esses professores.

3.5 PROPOSTAS CONTRIBUINTES

A educação escolar indígena tem passado por várias mudanças no sentido de se adequar às necessidades da comunidade, e aos alunos indígenas. Hoje sabe-se que o ensino educacional nas escolas indígenas deve ser diferenciada e bilíngue.

Ela deve ser diferenciada porque tem que se adequar ao modo social da comunidade. Deve ser bilíngue porque os povos indígenas e os alunos precisam aprender a língua portuguesa, para interagirem na sociedade.

A língua materna é importante, pois ela guarda inúmeras histórias do seu povo. No entanto, não se pode esquecer do valor e importância da língua portuguesa, pois por meio dela, os indígenas podem se comunicar com o mundo. Por isso o ensino desta disciplina deve ser levado a sério, pelos professores indígenas, os quais são responsáveis pelo sucesso e progresso de seus alunos.

Para conduzir uma alfabetização de sucesso, é indispensável que os professores indígenas estejam preparados para esse intuito. Precisam receber instruções detalhadas, no que se refere a leitura e escrita portuguesa, para executarem de modo intenso esse ensino, e assim possam solucionar qualquer dificuldade de seus alunos. Notou-se algumas carências dos professores para conduzir bem a alfabetização, e para melhorar o desempenho do ensino indígena aponta-se algumas sugestões como:

- Formação continuada para os professores e mais técnicos educacionais na área indígena, dando ao professor mais conhecimento e habilidades para não ficar desorientado na sala.
- Adotar práticas metodológicas mais intensivas no ensino da língua portuguesa, pois quando mais se pratica mais se aprende, além de o professor estar sempre atento ao desenvolvimento do aluno.
- Utilizar aparelhos eletrônicos como celulares, para baixar jogos de alfabetização em português, o que fará com que a criança aprenda brincando e de forma divertida.
- Utilização de Cartolinas para gravar-se o alfabeto da língua portuguesa, assim como as sílabas simples e complexas para familiarizar os alunos com a presença destas na sala, e para servir de análise dos alunos.

Essas propostas ajudarão os professores a desempenharem melhor o seu trabalho escolar, no que tange ao ensino da língua portuguesa. Além disso, os professores poderão estar monitorando de forma mais íntima o aprendizado dos alunos. Os alunos muitas das vezes só precisam sentir e perceber o apoio dos professores, para que se empolguem significativamente com o conteúdo.

CONCLUSÃO

Os dados coletados na EMEIF Juliano Kirixi, proporcionaram uma melhor compreensão no que diz respeito às dificuldades dos alunos indígenas em assimilar o ensino da língua portuguesa. A escola indígena EMEIF Juliano Kirixi, conta com um técnico educacional, conforme as respostas dos professores, e os professores destacaram que são auxiliados muitas das vezes por este, e até no preenchimento dos diários eles são orientados. Isso nos mostra que os professores desta escola precisam de cursos de formação continuada, para que possam ser mais autônomos.

A educação indígena ainda sofre como percebido, com muitas dificuldades pedagógicas, o que pode ser evidenciado pelos próprios professores, quando nota-se que alguns deles detêm problemas em ler, escrever e até mesmo falar em português. Falam-se errado, pode acontecer em alguns casos, que também escreverão errado, fugindo do padrão de escrita convencional.

Na pesquisa, analisou-se que os professores não dominavam bem a arte da escrita com coesão na língua portuguesa. Além dessa característica da escrita, alguns professores no decorrer das perguntas dos questionários, não se mostraram bons interpretadores no que liam. Expondo assim respostas sem nexos com a pergunta.

Nesse sentido, preocupa-se com esses profissionais, que de qualquer maneira podem prejudicar seus alunos no desenvolvimento da alfabetização. No entanto, não seria justo excluir esses professores do processo de educação, mas sim, procurar ajuda pedagógica para que este possa superar suas dificuldades de alfabetizar. Muitas vezes o professor indígena não recebe instruções adequadas para focar de forma atenciosa no ensino do português, o que torna o aprendizado dos alunos sem sucesso.

Alguns professores quando questionados sobre o que deveria mudar nas práticas pedagógicas tiveram variadas respostas. Uns disseram que era preciso levar as crianças para o plantio da roça e pesca, e apenas um professor declarou necessitar de mais conhecimento para ensinar. No sentido de levar as crianças para o plantio da roça e pesca como prática para o ensino da leitura, percebe-se a gravidade e o descuido do professor para com a língua portuguesa. Essa análise pode caracterizar a irresponsabilidade do professor com o ensino do português.

O problema do domínio e aquisição da leitura e escrita portuguesa, pode se propagar por longos anos na escola indígena. Uma vez que os alunos não conseguem compreender a importância da leitura e escrita portuguesa, e tornarem-se professores, poderão também formar futuramente alunos com problemas no domínio padrão do português.

Portanto, faz-se necessário que a escola indígena se preocupe com seus alunos no que diz respeito à língua portuguesa. Percebeu-se que os professores indígenas podem ser a causa das dificuldades de aprendizagem dos alunos. Por isso é aceitável que as Secretarias de educação, interfira com instruções pedagógicas de forma intensiva para os professores indígenas focarem mais na disciplina de português, visando amenizar e solucionar esses impasses referentes a aprendizagem da leitura e língua portuguesa, valorizando sempre a sua importância.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. **O Processo de Aquisição de Leitura e Escrita pelas crianças Apinayé**-. UFG- Universidade Federal de Goiás. – 2013. Disponível: <<http://www.uft.edu.br/lali/uploads>. > Acesso em: 09/11/2020.
- ALTRÃO, Francielle; Egeslaine de Nez. **METODOLOGIA DE ENSINO: um re-pensar do processo de ensino e aprendizagem**. Barra do Garças – MT, vol.20, - 2016. Disponível em: <<http://revistas.cua.ufmt.br/revista/inica/article/download/647/273>> Acesso em: 13/11/2020.
- ANDRIOLI, Luciana Regina; Mori Neli Nonato Ribeiro; Faustino, Rosangela Célia. **LEITURA E ESCRITA: Estudo SOBRE A ALFABETIZAÇÃO E O BILINGUISMO KAINGANG NA TERRA INDÍGENA FAXINAL**. Maringá – 2010. Disponível em: <<http://www.ppe.uem.br>> Acesso em: 09/11/2020.
- BERGAMASCHI, Maria Aparecida; MEDEIROS, Juliana Schneider. **História, memória e tradição na educação escolar indígena: o caso de uma escola Kaingang**. Rio Grande do Sul – Porto Alegre – RS- Brasil. Hist. Vol. 30 no. 60 São Paulo 2010. Disponível em: <<https://scriptsci.arttext.com/text&pid=S0102-018820>> Acesso em: 14/03/2020.
- BENCINI, Roberta. **Cada um aprende de um jeito**. Brasília, DF. – 2003. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/>> Acesso em: 07/11/2020.
- BRAGA, Ana Regina Caminha. **O papel da família na educação infantil**. 2016. Disponível em: <<https://direcion-com-br.cdn.ampproject.org/v/s.com.br/o-papel-da-familia-na-educacaoomq331AQFKAGWASA%3D#aoh=16050497578550&...>> Acesso em: 10/11/2020.
- COHN, Clarice. **Notas sobre a escolarização indígena no Brasil**. DCSO/UFSCar. Vol .23, n. 2, 2005. Disponível em: <www.acoesafirmativas.ufscar.br> Acesso em: 07/11/2020.
- FALCÃO, Rosa. **PIB do Brasil pode crescer sete vezes com investimento em educação básica**. Estudo da OCDE. - 2015. Disponível em: <<https://www.correiobrasiliense-com-br.cdn.ampproject.org/v/s/>> Acesso em: 07/11/2020.
- FERRARI, Juliana Spinelli. **Atuação dos pais na escola. Participação dos pais na escola** – Brasil Escola – 2020. Disponível em: <<https://brasilescola-Uol.com.br/psicologia/atualizacao-dos-pais-na-escola.htm>> Acesso em: 05/04/2020.
- FERREIRA, Amanda. **A importância da participação dos pais na vida escolar dos filhos**. Escola Villare. 2019. Disponível em: <<https://www.escolavillare.com.br/a-importancia-da-participacao-dos-pais-na-vida-escolar-dos-filhos/>> Acesso em: 05/04/2020.
- FERNANDES, Elisângela. **CONHECIMENTO PRÉVIO. Entenda por que aquilo que cada um já sabe é a ponte para saber mais**. 2011. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1510/conhecimento_previo> Acesso em: 10/11/2020.

FRANÇA, Luíza. **O que é dificuldade de aprendizagem e como contorná-la** – par. 2019. Disponível em: <<https://www.Somospar.com.br/dificuldade-de-aprendizagem/>> Acesso em: 05/04/2020.

GRANZIOL, Jussara Cordeiro. **Dificuldades de Aprendizagem na Aquisição da Leitura e da Escrita**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Edição 9. Ano 02, Vol. 06 – pp 73-79, Dezembro de 2017. Disponível em: <<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educação/dificuldades-leitura-e-escrita>> Acesso em: 05/04/2020.

LIMA, Deborah (presidente) do ISA (Instituto Sócio Ambiental). **Defesa aos direitos humanos e dos povos. Questões sociais e ambientais**. 2018. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Escola,-escrita-e-valorização-das-línguas>> Acesso em: 20/02/2020.

KASSAR, Mônica Carvalho Magalhães. **ESCOLA COMO ESPAÇO PARA A DIVERSIDADE E O DESENVOLVIMENTO HUMANO**. Universidade federal de Mato Grosso do Sul – Campo Grande (MS), Brasil. CEDES, 2015. Educ. Soc, Campinas, v.37, nº.137, dez, 2016. Disponível em: <www.scielo.br> Acesso em: 20/04/2020.

KRAMER, Sonia. **Alfabetização, leitura e escrita: formação de professores em curso** / Sonia Kramer. – São Paulo: Ática, 2010.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática** / José Carlos Libâneo. São Paulo: Cortez, 1994. – (coleção magistério. Série formação do professor). Disponível em: <<https://pedagogiaconcursos.com/conhecimentos-pedagogicos/libaneo-jose-carlos-didatica/>> Acesso em 20/03/2020.

LEIVAS, Paulo Gilberto Cogo; Roger Raupp Rios; Gilberto Schafer. **Educação Escolar indígena no Direito Brasileiro: Do paradigma integracionista ao paradigma do Direito a uma educação Diferenciada**. Revista da AJURIS – Rio Grande do Sul. UFRGS – 2014. Disponível em: <<http://ajuris.kinghost.net/OJS2/index.php/REVAJURIS/article/view/366>> Acesso em: 14/03/2020.

MENDES, Fernando; Larissa Alves; Natacha Costa; Raiana Ribeiro; Natália Passafaró; Ingrid Matuoka; Julia Andrade. **Educação indígena – Centro de Referências em Educação Integral** – 2013. Disponível em: <<https://educaçãointegral.org.br/glossario/educação-indigena/>> Acesso em: 14/03/2020.

MEDEIROS, Juliana Schneider. **História da Educação Escolar Indígena no Brasil: Alguns apontamentos**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – 2018. Disponível em: <www.eeh2018.anpuh-rs.org.br> Acesso em: 07/11/2020.

OLIVEIRA, Cristiane. **Povos Indígenas: Conheça os direitos previstos na Constituição**. Rio de Janeiro – 2017. Disponível em: <<https://agenciabrasil-ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2017-04/povos-indigenas-conheca-os-direitos-previstos-na-constituicao>> Acesso em: 28/03/2020.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **ESCOLARIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO: a contribuição da Psicologia Histórico – Cultural**. Universidade

de São Paulo – USP – Educação – Curitiba 2003. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/321279911ESCOLARIZAÇÃO_E_DESENVOLVIMENTO_DO_PENSAMENTO_a_contribuição_da_Psicologia_Historico-Cultural> Acesso em: 14/03/2020.

OLIVEIRA, Viviane Araujo da Silva de. **Estratégias diferenciadas de ensino, um dos caminhos para combater o fracasso escolar.** Portal educação – 2014. Disponível em: <<https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/nutricao/estrategias-diferenciadas-de-ensino-um-dos-caminhos-para-combater-o-fracasso/56093>> Acesso em: 14/11/2020.

PETRONILO, Ana Paula da Silva – **Dificuldade de aprendizagem na leitura e na escrita.** Brasília / DF – 2007. Universidade de Brasília. Disponível em: <<https://silo.tips/download/universidade-de-brasilia-ana-paula-da-silva-petronilo-dificuldade-de-aprendizagem>> Acesso em 20/04/2020.

PASCOAL, Raissa. **O papel do orientador educacional.** – 2013. Disponível em: <<https://gestaoescolar.org.br/conteudo/233/O-papel-do-orientador-educacional>> Acesso em: 13/11/2020.

QUAL a importância do material didático em uma escola? – DOM BOSCO by Pearson. – 2020. Disponível em: <<https://www.dombosco.com.br/noticias/qual-a-importancia-do-material-didatico-em-uma-escola-.html>> Acesso em: 13/11/2020.

REIS, Karla de Jesus. **PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE PROFESSORES INDÍGENAS.** Anais do Conic-Semesp. Volume 1. Faculdade Anhanguera de Campinas. – 2013. Disponível em: <www.conic-semesp.org.br> Acesso em: 10/11/2020.

RODRIGUES, Dayanne. **A importância da capacitação de professores de maneira continuada.** – 2020. Disponível em: <<http://www.proesc.com/blog/capacitação-de-professores-continuada/#:~:text=A%20forma%C3%A7%C3%A3o%20Co...>> Acesso em: 14/11/2020.

SANTOS, Francisco Bezerra dos. **Leitura da Literatura indígena na sala de aula: Contribuições para o ensino.** Universidade do Estado do Amazonas – UEA – Revista Científica da FASETE – 2017. Disponível em: <www.unirios.edu.br> Acesso em: 20/04/2020.

SANTOS, Lorena. **Revisão bibliográfica: um recurso para melhorar o seu negócio.** 2018. Disponível em: <<https://formulajr.com.br/index.php/2018/01/10/revisao-bibliografica/>> Acesso em: 17/11/2020.

SARTORO, Edimar Roberto de Lima; Mariana da Rosa Lima Golfetto; Silvania Ferreira de Souza Moreira. **Formação de professores indígenas** – 2020. Disponível em: <<https://meuartigo.brasilecola.Uol.com.br/educação/formação-professores-indigenas.htm>> Acesso em: 05/04/2020.

SECAD, Cadernos. **Educação Escolar Indígena: diversidade sociocultural indígena ressignificando a escola.** Brasília – 2007. Disponível em: <www.portal.mec.gov.br/Secad> Acesso em: 07/11/2020.

SOUZA, Ilma Regina Castro Saramago de; Marilda Moraes Garcia Bruno. **Ainda Não Sei Ler e Escrever: alunos indígenas e o suposto fracasso escolar.** vol. 42 – Porto Alegre – 2017. Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) Dourados / MS – Brasil. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_artte-ex&pid=S2175-62362017000100199> Acesso em: 14/03/2020.

TAVARES, Marilze. **Línguas Indígenas e Língua Portuguesa em Comunidades Indígenas do Sul de Mato Grosso do Sul.** V19. N1. P368 – 2016. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/vellindex.php/signum/article/download/23052/20167>> Acesso em: 14/11/2020.

VELOSO, Simone Maria Lopes. **A prática pedagógica na escola municipal indígena de educação básica do Povo Pitaguary.** Universidade da Madeira – 2017. Disponível em: <<https://digiturma.uma.pt/bitstream/10400.13/2689/1/MestradoSimoneVeloso.pdf>> Acesso em: 14/11/2020.

VIRGINIO, Regina Maria Araújo. **A INTEGRAÇÃO ENTRE PAIS E ESCOLA: A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.** 2020. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/amplamentecursos/236190-a-integração-entre-pais-e-escola---a-influencia-da-familia-na-educação-infantil/>> Acesso em: 10/11/2020.

APÊNDICES



**CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
PORTARIA/MEC Nº. 2560 DE 15/09/03**

Este questionário é parte integrante do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Desafios da Leitura e Escrita em Língua Portuguesa vivenciada por alunos indígenas nos Anos Iniciais”, do curso de Pedagogia da Faculdade de Itaituba – FAI

Questionários para Professores

Identificação:

Idade: _____ Sexo: _____

Graduação: _____

Pós-graduação: _____

Há quanto tempo trabalha nesta escola? _____

Já trabalhou em outra instituição? _____

1. Quais são os desafios do professor em relação à escrita e leitura da língua portuguesa de alunos indígenas nos anos iniciais?

2. A escola indígena proporciona materiais ou recursos didáticos pedagógicos para o ensino da leitura e escrita? Comente.

3. Quais metodologias são utilizadas pelos docentes para as aulas de leitura e escrita na escola indígena?

4. Os alunos são estimulados a praticarem a leitura do idioma português? Fale sobre.

5. Existe Técnico Educacional e formação continuada para esses profissionais da educação serem direcionados e auxiliados?

6. Qual a importância do domínio da escrita e leitura da disciplina de português para os indígenas?

7. Você já utilizou estratégias diferenciadas para a aprendizagem dos alunos? Justifique sua resposta.

8. Do seu ponto de vista, o que precisa mudar nas práticas pedagógicas dos professores para a aprendizagem do aluno?

Obrigado!